

ANTÓNIO MONTEIRO

Reflexões de Um Estudante Rosicrucista



Volume IX

Maria Madalena e o Santo Graal

- UMA ANÁLISE ESPECULATIVA DE O CÓDIGO DA VIRCI -

Fraternidade Rosacruz Max Heindel

Centro Autorizado do Rio de Janeiro
Filiado a The Rosicrucian Fellowship

“Reflexões de um Estudante Rosicrucista”

Por António Monteiro

Volume I - Síntese do Conceito Rosacruz do Cosmos

Volume II - Christian Rosenkreuz — Estudo biográfico

Volume III - A Ressurreição de Lázaro

Volume IV - O Nome Germalshausen

Volume V - A Tábua de Esmeralda

Volume VI - Os Versos de Ouro de Pitágoras

Volume VII - Os Mistérios, Um Poema Inacabado de Goethe

Volume VIII - O Evangelho Secreto de Marcos

Volume IX - Evangelho de Judas

Volume X - O Evangelho de Tomé

Volume XI - Maria Madalena e o Santo Graal

Volume XII — As Imagens de Jesus

Volume XIII — Interpretação do Fausto , de Goethe

Apresentação

António José de Carvalho Monteiro, nascido em Lisboa em 4 de Março de 1934, é Estudante Rosicrucista, associado à The Rosicrucian Fellowship, desde 1977. É autor de diversos artigos e ensaios divulgados no âmbito do Centro Rosacruz Max Heindel, em Portugal¹, alguns dos quais se encontram disponíveis em sua página dedicada ao idealismo rosacruz: < <http://pwp.netcabo.pt/AJCMONTEIRO/> >, e das seguintes obras publicadas:

- *A Ordem Rosacruz, Publicações Europa-América, Lda*, Mem Martins, 1981
- *O Que é Fátima?*, Hugin Editores, Lisboa, 2000

O estudo de diversas correntes ocultistas as quais o autor se dedicou desde uma longínqua juventude levaram-no à conclusão de que a mais lógica, abrangente e elucidativa é a Filosofia Rosacruz, na qual se insere um conjunto de conhecimentos espiritualistas que, entre 1909 e 1919, foram dados a conhecer por Max Heindel através de uma notável bibliografia em que se destaca a obra básica *The Rosicrucian Cosmo-Conception* (*Conceito Rosacruz do Cosmos*).

Mas os ensinamentos de Max Heindel não se limitam a transmitir-nos conhecimentos ocultistas – incentivam-nos a desenvolver as nossas potencialidades espirituais e intelectuais, uma das quais é a intuição metafísica que nos permite fazer a nossa própria interpretação de alguns passos ocultistas menos desenvolvidos ou até omissos; se o fazemos da forma correcta, ou não, um dia veremos!

O autor considera A Filosofia Rosacruz uma corrente de pensamento ocidentalista e cristão que visa a evolução espiritual do ser humano através do desenvolvimento harmonioso da via ocultista e da via mística.

É nesta ordem de ideias que a presente série **“Reflexões de um Estudante Rosicrucista”** se insere, contendo um conjunto de artigos de sua responsabilidade onde analisa, em termos eminentemente especulativos, determinados assuntos, tendo em vista uma conclusão interpretativa tão lógica quanto possível, já que, como diz Max Heindel, *“a lógica é o melhor mestre em qualquer mundo”*.

¹ CENTRO ROSACRUZ MAX HEINDEL : Apartado 46, 2396-909 Minde, Portugal.
Email: crmheindel@sapo.pt Web site: <http://centro-rosacruz.com>

Para além destes exercícios espiritualistas o autor, cuja obra o qualifica como um avançado Estudante Rosicrucista ², apresenta alguns textos meramente informativos, bem como um resumo do Conceito Rosacruz do Cosmos aspirando ajudar aqueles que começam a interessar-se por estes assuntos, razão pela qual sugere que seja o primeiro texto da série a ser lido.

O décimo-primeiro volume desta série é dedicado à uma profunda pesquisa sobre **Maria Madalena e o Santo Graal**.

² ALGUNS TERMOS ROSICRUCISTAS

ROSA CRUZ

1. *S. 2 gen.* Composto simbolizante em que *Rosa* representa o espírito e *Cruz* o corpo físico. A composição significa que o espírito se encontra livre da necessidade de renascer num corpo físico e pode prosseguir que impôs a si próprio. O Rosacruz é aquele que atingiu a quarta iniciação maior mas permanece no mundo físico integrado na Ordem Rosacruz. O m. q. *Irmão Maior*.
 2. *Adj.* Relativo à Ordem Rosacruz.
- O m. q. Rosa-Cruz, símbolo gráfico da ligação do espírito com o corpo físico

ROSACRUZ

S. 2 gen. Composto simbolizante por justaposição, em que *Rosa* representa o espírito e *Cruz* o corpo físico. A justaposição significa que o espírito se encontra livre da necessidade de renascer num corpo físico, mas permanece ligado a este mundo a fim de cumprir uma missão espiritualista

ROSICRUCISMO

S. masc. Sistema filosófico e esotericista, de índole cristã e ocidentalista, que visa a evolução espiritual do ser humano através da harmonização da via ocultista e da via mística. O m. q. Filosofia Rosacruz.

Preferível ao anglicismo *Rosacrucianismo*.

(Do lat. *rosa, rosæ + crux, crucis*)

ROSICRUCISTA

1. *S. 2 gen.* Aquele ou aquela que atingiu qualquer iniciação menor na Escola de Mistérios Rosacruz. O m. q. *Irmão Leigo*.
 2. *Adj.* Relativo ao Rosicrucismo.
- Preferível ao anglicismo *Rosacruciano*.
- (Do lat. *rosa, rosæ + crux, crucis*)

ESTUDANTE ROSICRUCISTA

S. 2 gen. Aquele ou aquela que estuda o Rosicrucismo mas não é iniciado na Escola de Mistérios Rosacruz. O m. q. *estudante regular, probacionista ou discípulo*.a sua evolução nos mundos superiores.

O Rosa Cruz é aquele que, tendo atingido a quarta iniciação maior, passou para um mundo superior a fim de evoluir em condições diferentes das terrenas.

Introdução

Há três perguntas que desde sempre têm perseguido o ser humano: quem somos? de onde viemos? para onde vamos? Se a esmagadora maioria desconhece as respostas, houve sempre quem as conhecesse e as transmitisse àqueles que, para tal, estavam preparados física, moral, intelectual e espiritualmente, enfim, que tenham evoluído o suficiente para usarem os poderes associados a esse conhecimento para fins exclusivamente humanitários. Assim se foram formando, um pouco por toda a parte, escolas de mistérios sob a égide de grandes seres que transmitiam determinados conhecimentos a indivíduos cuidadosamente escolhidos, enquanto que às massas ofereciam o culto das forças da Natureza, personificadas em deuses, espíritos, duendes, demónios; eram as chamadas religiões pagãs que foram parcialmente absorvidas pelas religiões de raça.

Algumas escolas ficaram famosas, como Elêusis, na Grécia, Ísis, no Egipto, Mitra, na Pérsia e no Império Romano, através das quais os aspirantes iam progredindo por sucessivas iniciações. Com a vinda do Cristo, estas escolas foram desaparecendo e dando lugar a outras com diferentes metodologias iniciáticas ditadas pelas alterações que, a nível dos mundos espirituais, este Ser introduziu na Terra, conforme vimos; por outro lado, enquanto as escolas pré-cristãs privilegiavam a evolução do povo, ou da raça, em que estavam inseridas, as actuais visam a evolução espiritual de toda a humanidade, muito embora se diferenciem consoante a especificidade dos povos para que estão mais vocacionadas.

Há sete escolas de mistérios menores e cinco escolas de mistérios maiores, formando os seus chefes a chamada Grande Loja Branca. A Ordem Rosacruz é uma das sete escolas de mistérios menores e está vocacionada para os povos ocidentais; é constituída por doze seres detentores da mais elevada iniciação, que visam elevar espiritualmente o ser humano através do desenvolvimento harmonioso da via ocultista e da via mística; a sua acção é exercida nos planos espirituais e físico, sob a orientação de um décimo terceiro, Christian Rosenkreuz, nome simbólico de um elevado ser cuja preparação iniciática remonta à mais alta antiguidade, e que no século XIII criou as bases da inicialmente chamada Fraternidade, ou Irmandade, Rosacruz, e que no século XVII iria adoptar a actual designação.

Sete Irmãos Maiores, como Max Heindel costuma designar os Rosacruzes, vêm ao mundo material sempre que as circunstâncias o requeiram, aparecendo como pessoas vulgares, exercendo profissões ou actividades vulgares, nada havendo que os distinga dos outros homens a não ser um comportamento exemplar e uma inteligência e cultura acima do normal. Actuam nos seus corpos visíveis e invisíveis, mas nunca influenciam quem quer que seja contra a sua vontade; limitam-se a fortalecer o Bem onde o encontram. Os restantes cinco Irmãos nunca abandonam o Templo da Rosa Cruz, uma construção etérica, invisível portanto, que envolve uma casa senhorial

situada na Boémia, a cerca de 100 quilómetros a oeste de Praga. Estes Irmãos, embora possuam corpos físicos, executam o seu trabalho nos mundos espirituais.

Estes são os verdadeiros Rosacruz, que nunca revelam a sua condição a quem quer que seja, e que orientam diversos homens e mulheres cujas vidas são absolutamente normais, mas que já atingiram diferentes iniciações; são os Irmãos Leigos.

A Ordem Rosacruz manteve-se secreta até 1614, ano em que, em Cassel, na Alemanha, foi publicado um manifesto intitulado *Fama Fraternitatis* - abreviatura já consagrada do extenso título original - que despertou grande interesse nos meios filosóficos e esotericistas e um certo receio nos religiosos; no ano seguinte foi publicado um outro, *Confessio*, e em 1616, agora em Estrasburgo, um terceiro manifesto, um conto alquímico, verdadeiro *märchen*, intitulado *Núpcias Químicas de Christian Rosenkreuz no ano de 1459*. Os dois primeiros são anónimos, mas a sua autoria é normalmente atribuída ao pastor luterano Johann Valentin Andreæ (1586-1654) por ser o autor assumido das *Núpcias Químicas*. Em 1622, desta vez em Paris, dois cartazes afixados na Praça da Greve anunciavam a *estada visível e invisível dos delegados do Colégio Principal dos Irmãos da Rosacruz*, prometendo *maravilhas* àqueles que quisessem *inscrever-se nos registos da Confraternidade* e cujos pensamentos, que os delegados garantiam conhecer de antemão, fossem puros e elevados.

Depois desta apresentação pública, a Ordem Rosacruz remeteu-se, novamente, ao silêncio, mas a sua presença e actividade fez-se sentir através de diversas personalidades que, embora ocultando a sua condição, se revelaram verdadeiros Rosacruz: é o caso de Francis Bacon (1561-1626 ?), Jacob Boehme (1575-1624), o Conde de Saint Germain (1687 ? - 1784 ?), "*o homem que tudo sabe e que nunca morre*", no dizer de Voltaire, Goethe (1749-1832), e outros, como fora já o do famoso Paracelsus (1493-1541).

Por outro lado, há Irmãos Leigos que têm sido escolhidos pelos Irmãos Maiores para difundirem determinados ensinamentos. Está neste caso Max Heindel (1865-1919), um dinamarquês que emigrou para os EUA no final do século XIX e que, cinco ou seis anos depois, entrou para a Sociedade Teosófica. Em 1907, com o apoio económico de uma grande amiga, também teosofista, foi à Alemanha para assistir às conferências de Rudolf Steiner, outro teosofista e iniciado rosacruciano. Durante cerca de meio ano, Max Heindel assistiu às suas conferências, estudou todos os textos que Steiner lhe facultou, e foi por este introduzido numa secção secreta da Escola Esotérica de Teosofia. Ainda na Alemanha, Max Heindel foi iniciado por um Irmão

Maior que o incumbiu de difundir tudo o que havia aprendido pelo mundo anglófono.³

Regressado aos EUA, Max Heindel abandonou a Sociedade Teosófica e escreveu o *Conceito Rosacruz do Cosmos*, publicado em 1909, que conheceu, de imediato, um enorme sucesso. Foi o primeiro passo para difundir esses ensinamentos; o seguinte foi a criação da Fraternidade Rosacruz, uma organização material, física, cuja sede, *Mount Ecclesia*, se situa em Oceanside, no sul da Califórnia, e que tem sido um foco de difusão do Rosicrucismo através de outros livros que Max Heindel escreveu, bem como das cartas e lições que enviou, mensalmente, aos seus estudantes, e aos centros e grupos de estudos que se foram criando.

Após a sua morte em 1919, a Fraternidade Rosacruz tem procurado prosseguir o trabalho do seu fundador.

Por me parecer de interesse, incluo uma breve referência ao nosso país.⁴

Os primeiros sinais da presença no ainda Condado Portucalense da corrente de pensamento que a partir do século XVII ficaria conhecida como Rosacrucianismo, são as assinaturas do Conde D. Henrique (-1112), D. Teresa (-1130) e Afonso Henriques

³ Nota do editor: De novembro de 1907 a Março de 1908, Max Heindel dedicou seu tempo a investigação dos ensinamentos do Dr. Rudolf Steiner, viajando para a Alemanha a convite de sua amiga, a Dra. Alma Von Brandis para assistir um ciclo de conferencias deste famoso escritor, então responsável pela Seção Alemã da Sociedade Teosófica, e mais tarde fundador da Sociedade Antroposófica. Na última das seis entrevistas pessoais com o Dr. Steiner, Max Heindel mencionou que havia começado a escrever um livro no Campo das Ciências Ocultas; um compêndio que sintetizava os ensinamentos orientais e ocidentais. Steiner então ponderou que se algum dos ensinamentos por ele promulgados fosse utilizado, deveria mencioná-lo como a autoridade e fonte da informação. Consequentemente Max Heindel concordou em dedicar tal compêndio, que nunca foi concluído e jamais publicado, ao Dr. Steiner. Posteriormente, o Irmão Maior, que Max Heindel passou a chamar e reverenciar como Mestre, apareceu-lhe várias vezes vestido em seu Corpo Vital e esclareceu-o em vários pontos. Em Abril e Maio de 1908 após ter passado numa prova iniciática, em Março de 1908, sem saber que estava sendo testado, Max Heindel foi convidado a viajar a um local onde se encontrava uma casa que, abrigava o Templo Secreto da Rosa Cruz, onde encontrou o Irmão Maior e recebeu os ensinamentos rosacruzes, sintetizados no *Conceito Rosacruz do Cosmos*, reconhecido pelos maiores estudiosos das tradições esotéricas como um clássico da literatura ocultista, que engloba sinteticamente as tradições esotéricas do passado e introduz assuntos jamais abordados publicamente. O Mestre contou-lhe ainda que um candidato previamente escolhido, que estivera sob as Suas instruções por vários anos, falhara ao ser posto em certa prova em 1905 (tal afirmação de Max Heindel sugere que o candidato anterior que suspeitamos ter sido Rudolf Steiner não traduzira os Ensinamentos numa linguagem acessível a todas as mentalidades conforme desejavam os Irmãos Maiores); também que Max Heindel esteve sob a observação dos Irmãos Maiores por certo número de anos, sendo considerado como o candidato mais apto, caso o primeiro falhasse. Em acréscimo foi ainda informado que os ensinamentos deveriam ser dados ao público antes do término da primeira década do século XX. Apesar, do manuscrito inacabado do livro mencionado ao Dr. Steiner ter sido destruído, as últimas e mais completas revelações dos Irmãos Maiores confirmavam os ensinamentos do Dr. Steiner em suas linhas principais. Pareceu-lhe conveniente dedicar o "*Conceito Rosacruz do Cosmos*" ao Dr. Rudolf Steiner para não ser acusado de plagiador. Teria sido um dano menor ter assumido este risco do que conferir a autoridade dos ensinamentos ao Dr. Rudolf Steiner. Tal dedicatória foi portanto um erro, que levou muitas pessoas a inferir que se tratava de uma síntese autorizada dos ensinamentos do Dr. Steiner, que seria o responsável pelas afirmações nele contidas. Tal inferência parecia antiética ao Dr. Steiner. Um exame das páginas 8 e 9, do *Conceito Rosacruz do Cosmos*, irá mostrar que Max Heindel jamais pretendeu provocar tal idéia, mas não faltaram acusações de oportunismo em desejar provocar o sucesso editorial da obra associando seu nome ao do famoso instrutor. Não vendo como transmitir a verdadeira idéia em uma sentença dedicatória, resolveu retirá-la, com um pedido de desculpas ao Dr. Steiner por algum aborrecimento que possa ter sido causado pelas conclusões apressadas que associaram seu nome como responsável pelas afirmações contidas no "*Conceito Rosacruz do Cosmos*".

⁴ O autor se refere à Portugal.

(c.1108-1185), onde se evidenciam uma cruz e uma rosa (cf. Eduardo Amarante/Rainer Daehnhardt, *Portugal: A Missão Que Falta Cumprir*, vol. I, Porto, Edições Nova Acrópole, 1994, pp. 114-116).

Na presunção, para não dizer certeza, de que os Templários estiveram na origem da Ordem Rosacruz, há que apontar a possibilidade de um dos primeiros cavaleiros ter sido português; trata-se de um tal Gondomar, ou Gondemar, que em 1118 estava em Jerusalém com Hugues de Pays, Geoffroy de Saint-Omer e os restantes seis cavaleiros, quando a *Ordo Militum Templi* foi oficialmente constituída.

O sinal seguinte data de 1129; trata-se da confirmação da doação do Castelo de Soure aos “*Soldados do Templo de Salomão*”, onde D. Afonso Henriques exprime o “... *cordial amor que vos tenho, em vossa irmandade e em todas vossas boas obras sou irmão*”.

Nos princípios do século XIV temos duas datas fundamentais: 1312, ano da extinção formal da Ordem do Templo, e 1319, ano da fundação da Ordem de Cristo por D. Dinis, um trovador e iniciado nos mistérios que mais tarde se denominariam Rosicrucistas, um “*plantador de naus a haver*”, no dizer de Fernando Pessoa. Como se sabe, a epopeia dos Descobrimentos ficou a dever-se à Ordem de Cristo, da qual o Infante D. Henrique (1394-1460) foi seu grão-mestre ou, pelo menos, administrador. Ora entre alguns estudiosos dos mistérios que envolvem a Ordem do Templo há a convicção de que os Templários foram experimentados navegadores que chegaram ao Novo Mundo muito antes de Cristóvão Colombo (1492), o que explicaria a origem do seu fabuloso tesouro em prata, provavelmente extraída das minas mexicanas. Assim, teria sido dos Templários que o Infante herdou os conhecimentos náuticos com que a sua escola preparou os nossos navegadores, quase todos iniciados na Ordem de Cristo.

No Convento de Cristo, em Tomar, há dois sinais inequívocos do Rosicrucismo: no piso inferior do chamado Claustro da Lavagem (1437 a 1449) e que seria, na verdade, a sala onde tinham lugar cerimónias iniciáticas, as pedras angulares estão decoradas com uma rosa sobreposta a uma cruz; na parte interior da janela da Casa do Capítulo, o elemento decorativo é a alcachofra, uma flor cheia de simbolismo e que, de certo modo, estabelece um traço de união entre os Templários e a rosa dos Rosacruzes.

No século XVI é Camões a grande figura, se não do Rosicrucismo, pelo menos do esoterismo em Portugal, conforme se depreende de uma leitura atenta de *Os Lusíadas* e de alguns dos seus sonetos onde sobressai, para além de uma grande cultura, um conhecimento profundo da Astrologia e da simbólica da mitologia clássica. Sobre este assunto, e para não me alongar demasiado, recomendo a leitura de uma série de excelentes artigos escritos por Francisco Marques Rodrigues para a revista *Rosacruz*, da Fraternidade Rosacruz de Portugal, e a correspondente secção do meu livro *A Ordem Rosacruz* (Mem Martins, *Publicações Europa-América*, 1981, pp. 105-115).

Nos três séculos seguintes não tenho conhecimento de figura alguma que possa ser identificada, ou relacionada, com o Rosacrucianismo.

Nos anos vinte do século passado, foi criado em Lisboa, por iniciativa de Francisco de Medeiros, o Centro de Estudos Rosacrucianos, o qual passou a ser dirigido por Francisco Marques Rodrigues desde meados da década de quarenta até à sua morte em 1979; em 19 de Julho de 1975, graças ao *25 de Abril*, pôde ser legalizado com a designação Fraternidade Rosacruz de Portugal.

Entretanto uma dissensão anterior tinha dado origem à criação do Centro Rosacruciano de Lisboa que se manteve em funcionamento durante alguns anos até que outra dissensão ditou o seu encerramento e a formação, em 1984, do Centro Rosacruz Max Heindel, presentemente a funcionar em Minde. De referir a existência de alguns estudantes que, por razões diversas, nomeadamente a localização das suas residências, não se encontram ligados a nenhum destas duas associações e prosseguem os seus estudos directamente com *Mount Ecclesia*.⁵

A título de curiosidade, esclareço que Fernando Pessoa (1888-1935), figura proeminente do esoterismo português do século XX, embora conhecesse perfeitamente a Filosofia Rosacruz, nunca esteve vinculado ao antigo Centro de Estudos Rosacrucianos.

António Monteiro

⁵ Nota do Editor: O Centro de Estudos Rosacrucianos, criado por Francisco de Medeiros e desenvolvido e dirigido por Francisco Marques Rodrigues, foi a matriz de duas associações vinculadas a The Rosicrucian Fellowship: A Fraternidade Rosacruz de Portugal, sucessora deste Centro e o Centro Rosacruciano de Lisboa, extinto por uma dissensão que provocou seu fechamento e a emergência de um novo Centro credenciado pela The Rosicrucian Fellowship : o Centro Rosacruz Max Heindel.

O Centro de Estudos Rosacrucianos foi legalizado em 19 de Julho de 1975 com a designação Fraternidade Rosacruz de Portugal. Entretanto, antes de *25 de Abril de 1974 (Revolução dos Cravos)*, que tornou possível o reconhecimento e a legalização do Rosacrucianismo em Portugal, alguns probacionistas e estudantes saíram do ainda Centro de Estudos Rosacrucianos e criaram o Centro Rosacruciano de Lisboa, também reconhecido por Mount Ecclesia e legalizado depois da *Revolução dos Cravos*. Porém, esta nova associação cedo enveredou por caminhos contrários ao espírito Rosacruz dos seus estatutos passou a constar a obrigatoriedade do pagamento de quotas mensais por parte dos seus membros, cujo valor mínimo era fixado pela assembleia geral; por outro lado, era permitida a frequência do Curso de Astrologia logo após a resposta à 1ª lição do Curso Preliminar de Filosofia RC, quando o próprio Max Heindel várias vezes frisara a necessidade do estudo da Astrologia ser iniciado somente depois de concluído esse curso.

Nestas condições, um grupo de probacionistas e estudantes abandonaram o Centro Rosacruciano de Lisboa e criaram o Centro de Estudos Max Heindel, o qual, em 1984 iria ser reconhecido por Mount Ecclesia que na própria *Charter* lhe atribuiu a actual designação de Centro Rosacruz Max Heindel.

Atualmente temos em Portugal dois Centros credenciados, A Fraternidade Rosacruz de Portugal, fundado por Francisco Marques Rodrigues e O Centro Rosacruz Max Heindel, ambos abnegadamente dedicados ao idealismo rosacruz.

António Monteiro

Maria Madalena e o Santo Graal

- UMA ANÁLISE ESPECULATIVA DE O CÓDIGO DA VIRCI -



PREFÁCIO

Os muitos leitores d' O Código Da Vinci com quem tenho contactado exprimem naturalmente as mais diversas opiniões, umas pró e outras contra, mas notei que um grande número deles acreditava que a investigação do autor Dan Brown para o seu livro tinha sido conduzida com honestidade e seriedade com base em documentos históricos, e, por outro lado, que se estaria agora a assistir a um processo de desmistificação da imagem de Jesus Cristo.

Ora, na verdade o processo de «desmistificação» de Jesus Cristo não é de agora, nem sequer apenas do passado século XX: é coisa que tem vindo a durar há cerca de 2.000 anos... Os primeiros foram os judeus que nos textos rabínicos e talmúdicos dos séculos II e III d.C. puseram a circular a história de que Maria atraíçoa José com um soldado romano chamado Pandira ou Panthera, e portanto Jesus seria «filho de Panthera» (em hebr.: Yeshuben Panthira). Daí a confusão dos evangelistas, diziam os judeus, que confundiram as palavras gregas huio pantherou (filho de Pantera) com huio parthenou (filho duma virgem). Existem diversos textos do Talmude da Babilónia, como por exemplo os tratados 'Aboda Zara, o Talmud Shabbat, o Sanhedrin, etc. onde se insiste nessa atribuição do nascimento de Jesus ao adultério de Maria.

Por outro lado, os autores pagãos dos primeiros séculos do Cristianismo, disseram o pior possível de Jesus e dos cristãos, como os filósofos Celso (Discurso Verdadeiro), Porfírio (Contra Christianos), Plotino (Enneadas Livro II, tratado IX), todos do séc. III, ou ainda Juliano (Contra Galilaeos), do séc. IV. A principal acusação era que Jesus seria um baixo mágico e um charlatão e que a falsa ressurreição não foi mais que um embuste dos seus sequazes (para não lhes chamar discípulos...), e portanto ou morreu mesmo e alguém roubou o corpo, ou então não morreu, e fingiu que ressuscitou porque se curou das feridas (há casos, embora raros, documentados por historiadores greco-romanos, de crucificados que sobreviveram e curaram-se dos ferimentos). Outros limitavam-se a acusar os cristãos de terem fabricado um Jesus mítico à semelhança das divindades pagãs, tais como Osíris, que morreu e ressuscitou, Dionysos, que também morreu e ressuscitou, filho da virgem Semele e do Pai dos deuses, Zeus, ou ainda Mithra, muito venerado no mundo romano, também filho da deusa-virgem Anaita, conhecido mito solar celebrado a 25 de Dezembro — data que a Igreja aproveitou; etc. Já no século II d.C., os autores patrísticos Justino Mártir (Diálogo com Tryphon, Apologia I e Apologia II) e Ireneu de Lião (Adversus Haereses) tiveram de combater essas «calúnias».

Ao longo dos séculos o processo de denegrir e aviltar a imagem de Jesus, ou então ajeitá-la aos gostos e preferências de cada época, não é novo e tem passado por diversas fases. Uma das acalmias nesse processo decorreu entre os séculos IV e XVII devido ao forte domínio e à preponderante intolerância da Igreja na cultura ocidental, em que o «Jesus Filho de Deus e duma Virgem Mãe» era simplesmente indiscutível.

Mas as dúvidas e as críticas do «Jesus histórico» reavivaram-se com o Iluminismo filosófico a partir do séc. XVIII. Como vimos atrás, a ideia de que Jesus sobreviveu à crucificação e fingiu que ressuscitou já é muito antiga, e não apenas uma «descoberta» recente dos autores d'O Código Da Vinci e doutros textos. Um dos livros que causou mais sensação na sua época chama-se *The Unknown Life of Jesus Christ* e foi publicado em Chicago em 1894, da autoria do judeu russo Nicolas Notovitch. Nesse livro o autor descreve uma viagem que fez ao Oriente em 1870; tendo chegado à Índia em 1887, Notovitch visitou o famoso Templo Dourado de Amritsar; e num lugar chamado Mulbek encontrou um Lama que lhe relatou uma tradição de um certo Issa (ou Jesus) que tinha chegado à Índia em meados do séc. I e aí tinha pregado e feito curas. De investigação em investigação, Notovitch concluiu que Jesus conseguira sobreviver à crucificação e fugira para a Índia, onde foi reverenciado e morreu idoso...

Jesus, de facto, tem as costas largas, pois cada época redescobre um novo Jesus, ou uma nova faceta de Jesus, com base em autênticos ou supostos documentos, e com base também nas correlativas especulações. O Prof. Philip Jenkins, catedrático de História e Estudos Religiosos na Universidade de Pensilvânia, no seu livro *Hidden Gospels* (Oxford University Press, 2001), cuja leitura vivamente recomendo, descreve todas essas especulações ao longo dos tempos, chamando especialmente a atenção para a descoberta de manuscritos antigos, de tipo mais ou menos gnóstico e classificados pela ortodoxia romana como apócrifos, desde o famoso tratado *Pistis Sophia*, do século II, encontrado em 1773 num alfarrabista de Londres, passando pelos códices coptas desenterrados num primitivo cemitério cristão, no Egipto, em 1896 (*Berolinensis Gnosticus*), e outros, até aos mais recentes, como a biblioteca gnóstica de Nag Hammadi (1945) ou o ainda mais recente Evangelho de Judas (1978).

Em vários destes textos já se abordava o aspecto da preponderância de Maria Madalena na vida de Jesus, como discípula predilecta e privilegiada: *Pistis Sophia*, Evangelho de Maria (Madalena), Evangelho de Filipe, Evangelho de Tomé, etc. — sendo que este último também refere Salomé com um papel semelhante.

Finalmente, em 1982 foi publicado um livro que também levantou celeuma na época (já lá vão 25 anos!), *The Holy Blood and the Holy Grail* («O Santo Graal e a Linhagem Sagrada»), de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, onde os autores «demonstram» que Jesus sobreviveu à crucificação, casou com Maria Madalena, teve filhos, emigrou para França e a sua descendência deu origem à dinastia Merovíngia... com todos os plots secretos que daí derivaram, desde os cavaleiros templários, passando pela heresia cátara, mais os bastidores do fantasioso «Priuré de Sion» e seus esforços para restaurar o poder político dos descendentes Merovíngios, depostos há mais de 1300 anos. Ora foi precisamente nos argumentos deste livro de quase 500 páginas que o autor d' O Código Da Vinci se inspirou quase palavra por palavra, somente lhe entretecendo uma empolgante intriga policial.

Mas... será de se levar a sério?

Os «documentos históricos» utilizados pelo autor do Código são sobretudo os escritos não-canónicos utilizados por certas comunidades jesuânicas nos três ou quatro primeiros séculos do Cristianismo, e, em si, não são mais nem menos «históricos» do que os textos canónicos do Novo Testamento, que se compõem de quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas, João), um livro de actos, várias epístolas de Paulo e outros apóstolos — autênticas ou falsamente atribuídas —, e um apocalipse.

Que no século I já circulavam muitos evangelhos ou «histórias» de Jesus, e não apenas os quatro que ficaram na Bíblia, é um facto que o próprio evangelho de Lucas reconhece e testemunha logo nas suas primeiras linhas (Lucas 1, 1-3). Para além do famoso e primitivo Evangelho Q, reconstituído pacientemente pelos estudiosos bíblicos após anos e anos de trabalho, temos conhecimento de que eram utilizados muitíssimos outros, dezenas ou mais, aceites e venerados em diferentes ekklêsiai e/ou círculos iniciáticos cristãos. A maior parte deles perdeu-se, ou deles só restam escassos fragmentos; o conhecimento que deles temos deriva não só das referências (nem sempre fidedignas) feitas pelos autores eclesiásticos da Patrística, mas também pela descoberta de manuscritos, encontrados em velhas bibliotecas, em alfarrabistas, em cemitérios, em terrenos escavados ou em mosteiros, sobretudo a partir do séc. XVIII, como referi atrás, e principalmente pela descoberta arqueológica da preciosa biblioteca gnóstica de Nag Hammadi, ocorrida em finais de 1945 no Alto Egipto, e que permitiu que se recuperassem 53 importantes tratados gnósticos dos séculos II a IV.

Seja como for, teremos sempre de levar em conta que tanto esses textos «apócrifos» como os evangelhos canónicos não tinham uma preocupação historicista, mas uma intenção mistérica e iniciática, ou então teológica — eram na verdade rituais iniciáticos e/ou encenações litúrgicas que têm de ser interpretados à luz dos princípios da Esoterologia Bíblica ou da Teologia e não da historiografia convencional. Por isso é preciso o maior cuidado quando se pretende tomar à letra o que neles se contém, pois mais importante do que o sentido literal, é o sentido espiritual, como dizia Paulo: «A letra mata, porém o espírito é que vivifica» (2 Coríntios 3, 6).

Vejamos um dos casos que mais especulações tem provocado, o da preferência dada por Jesus à discípula Maria Madalena, tal como vem relatada nalguns dos apócrifos, como os citados Pistis Sophia, o Evangelho de Filipe ou ainda o Evangelho de Maria (Madalena), já para não falar nos canónicos, nos quais Maria Madalena é sempre a primeira, ou das primeiras, a beneficiar da aparição do Cristo ressuscitado.

No Evangelho de Filipe, que faz parte dos códices encontrados em Nag Hammadi, há uma descrição dos principais ritos iniciáticos da respectiva Escola de Mistérios: o próprio autor do evangelho chama «mistérios» a esses ritos e signos simbólicos, que ele enumera e descreve, ainda que nem sempre de forma clara: baptismo, unção, eucaristia, redenção e câmara nupcial («matrimónio místico» ou «boda alquímica» do Pneuma-Espírito-Superior com a Psique-Corpo Anímico-Inferior).

A instrução iniciática era feita «de boca a boca», ou seja, por transmissão oral secreta de Mestre a discípulo, por isso há tantas referências simbólicas ao «beijo» em quanto forma de transmissão de conhecimento secreto nos variados textos gnósticos, nos quais se diz, por exemplo, que «os Iniciados engravidam mediante um beijo, e dão à luz» (Ev. de Filipe), ou a iniciação gnóstica simbolizada pelo beijo na boca que Jesus dá a Tiago, revelando-lhe «coisas que os céus não conheceram» (II Apoc. de Tiago), ou ainda, e de acordo com o mesmo princípio, os «beijos na boca» que Jesus dava a Maria Madalena registados no evangelho de Filipe.

Por conseguinte, o «casamento» de Jesus com Maria Madalena, e o simbolismo de ela ter «engravidado» por obra de um «beijo» do Mestre, ficando «prenhe» de Gnose, é um facto místico e esotérico perfeitamente enquadrável no simbolismo das correntes gnósticas e esotéricas do cristianismo primitivo, e respectivos círculos iniciáticos (Matrimónio Místico do Eu superior com o Eu inferior), e não um evento cruamente biológico e historicista tal como tem dado azo a inúmeras e fantasiosas especulações. Aliás, os próprios gnósticos dos séculos II e III em cujos textos Dan Brown diz ter-se

inspirado, ficariam horrorizados com a blasfêmia de se pensar sequer que o simbolismo iniciático da Gnose pudesse ser entendido como um casamento físico entre o Mestre e algumas das suas discípulas...

António de Macedo⁶



CAPA:



Rembrandt van Rijn⁷, Jesus e Maria Magdalena,
Óleo sobre tela.

⁶ **António de Macedo**, nascido em 1931, é professor de Esoterologia Bíblica na Universidade Nova de Lisboa, além de sociólogo, cineasta e escritor .

⁷ **Rembrandt Harmenszoon van Rijn** (15 de julho de 1606, Leiden- 4 de outubro de 1669,Amsterdan) é considerado um dos maiores pintores e gravadores da história da arteeuropéia e um dos mais importantes da história holandesa.

INTRODUÇÃO

O Código Da Vinci, de Dan Brown,⁸ é um estrondoso êxito literário: as edições, em todo o mundo, contam-se aos milhões; o mercado livreiro não para de ser inundado por ondas de livros relacionados com o tema; na *Internet* multiplicam-se os *sites*, uns a favor e alguns com visitas virtuais aos locais onde a acção decorre, outros contra; no nosso país, em princípios de 2005 a *Abreu*, em colaboração com um mestre *maçon*, organizou uma viagem à Itália subordinada ao tema *Em busca de Maria Madalena*; a *RTP 1* dedicou-lhe um programa; e nos EUA, Ron Howard acabou de rodar um filme baseado no livro, para a *Columbia Pictures*, interpretado por Tom Hanks.

Em boa verdade, além de proporcionar algumas horas de agradável leitura, *O Código Da Vinci* tem o inestimável mérito de estimular a reflexão crítica de alguns leitores e de os levar a questionar a versão oficial das Igrejas Cristãs sobre alguns passos da vida de Jesus, o que, porém, nem sempre é feito da forma mais ponderada e correcta, porque se esquece que o livro não passa de um romance policial, um *thriller*, cuja acção é, até, um sonho da principal personagem; assim sendo, o autor pode dar asas à sua imaginação e contar com a benevolência dos leitores para uns tantos erros históricos e deficiências de interpretação, não só de textos do Cristianismo primitivo, como de algumas obras de arte. Daí que uma leitura mais superficial leve o leitor a concluir que a Igreja mantém uma colossal mentira de dois mil anos, ocultando o facto de Jesus ter sido casado com Maria Madalena, que teve descendência, e que sua mulher, como portadora do seu sangue, era o verdadeiro Graal.

Não posso subscrever estas conclusões por uma razão muito simples - Jesus não era um homem vulgar, mas sim um alto iniciado que há dois mil anos já tinha atingido a Terceira Iniciação Maior⁹, em que as necessidades sexuais e as conveniências matrimoniais há muito haviam ficado para trás. Consequentemente, decidi analisar estas questões à luz dos Ensinamentos Rosacruz de Max Heindel e da verdadeira natureza dos evangelhos, canónicos e apócrifos, sem dúvida os únicos documentos credíveis para se conhecer algo da vida de Jesus e um pouco dos ensinamentos do Cristo.

António Monteiro

INTRODUÇÃO

⁸ Dan Brown, *The Da Vinci Code* (2003), trad. Mário Dias Correia, 13ª ed., Lisboa, *Bertrand Editora*, 2004.

O autor inspirou-se, basicamente, em três livros: *O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, um *best-seller* onde os autores analisam determinados dados históricos, ou factuais, e extraem hipotéticas conclusões que na altura levantaram enorme celeuma, *Maria Madalena e o Santo Graal*, *A Mulher do Vaso de Alabastro*, de Margaret Starbird e *O Segredo dos Templários: O Destino de Cristo*, de Lynn Picknett e Clive Prince.

⁹ In *Rays from the Rose Cross*, Julho-Agosto de 1996.

OS EVANGELHOS ¹⁰

Ao longo dos primeiros tempos da nossa era foram-se formando igrejas cristãs por todo o Império Romano, onde a religião dominante era o Mitraísmo.

Mitra, um deus solar, salvador do mundo, nascido no solstício do Inverno de uma mãe virgem¹¹ e crucificado no equinócio da Primavera, viu o seu culto surgir na Pérsia por volta do ano 400 a.C. O Mitraísmo foi-se espalhando para Ocidente e chegou ao Império Romano em meados do século I a.C., onde lhe foi acrescentado o mito cósmico do sacrifício de um touro¹² e se tornou um culto de legionários que procuravam a protecção dos deuses nos campos de batalha ou no além; daí que, em 303 A. D., o imperador Diocleciano (245-313), antigo militar, tenha declarado o deus Mitra *Sol Invictus*, Protector do Império Romano.

Foi com esta religião que as primitivas igrejas tiveram de se defrontar, o que não terá sido difícil porque, em boa verdade, o Cristianismo já existia muito antes da vinda do Cristo, conforme nos assegura Santo Agostinho (354-430), em *As Retractações* (428): (...) *o que hoje se denomina religião cristã existia na antiguidade e desde a origem do género humano até que Cristo se encarnou, e é dele que a verdadeira religião que já existia começou a chamar-se cristã* (...) ¹³. Assim, as novas igrejas adoptaram, com naturalidade, muitas das crenças, mitos e práticas ritualistas do Mitraísmo, até que nos finais do século IV se tornaram suficientemente fortes para substituir Mitra por Jesus Cristo.

Sem dúvida que a Igreja tem de agradecer este ascendente ao imperador pagão Constantino, o Grande (c. 280-337), o qual, apesar de se ter convertido à nova fé apenas no leito de morte, promulgou em 313 o Édito de Milão reconhecendo o Cristianismo como uma das religiões autorizadas no Império Romano, e em 325 convocou o primeiro concílio ecuménico, em Niceia, onde foram tomadas decisões fundamentais. O “golpe de misericórdia” no deus persa foi desferido em 380 por Teodósio, o Grande (c. 346-395), ao elevar o Cristianismo a religião oficial do Império Romano¹⁴ e estabelecer a pena de morte aos seguidores das seitas heréticas extremistas.

Para falar sobre Jesus e pregar os ensinamentos do Cristo, as primeiras igrejas tiveram de se socorrer da tradição oral, mas logo que apareceram os primeiros documentos escritos¹⁵ foram adoptando-os, porém segundo critérios muito subjectivos, o que, a partir dos finais do século I favoreceu o aparecimento de correntes de pensamento que mais tarde iriam ser consideradas heréticas, como o Gnosticismo, o Arianismo e outras. Muitos desses primitivos textos perderam-se, enquanto outros apenas sobreviveram em fragmentos mais ou menos deteriorados, ou chegaram ao nosso conhecimento por terem sido citados por autores eclesiásticos a fim de os refutar.

OS EVANGELHOS

¹⁰ Para facilitar a exposição, não vou usar expressões rigorosas como *Evangelho segundo São Mateus*, ou *o autor do evangelho atribuído a Marcos*, mas apenas *Evangelho de Lucas*, ou simplesmente *João*.

¹¹ Um dos maiores templos mitraicos era dedicado a ‘Anahita, a Imaculada Virgem Mãe do Senhor Mitra.

¹² Este mito tem a ver com a descoberta do fenómeno da precessão dos equinócios, feita por volta de 128 a.C., pelo célebre astrónomo grego Hiparco..

¹³ (...) *ce qui se nomme aujourd’hui religion chrétienne, existait dans l’antiquité et dès l’origine du genre humain jusqu’à ce que le Christ s’incarnât, et c’est de lui que la vraie religion qui existait déjà, commença à s’appeler chrétienne* (...); in *Les Rétractations*, Livre Premier, Chapitre XXX, 3, trad M. Henry de Riancey, versão ebook em francês, in <http://www.multimania.com/abbayestbenoit/augustin/retractationes/>. Esta verdadeira religião constituía o cerne dos ensinamentos ministrados nas escolas de mistérios pagãs, precursoras das cristãs, pelo que esta afirmação de Santo Agostinho indicia a sua qualidade de iniciado.

¹⁴ E não Constantino o Grande, como escreveu Dan Brown em *O Código Da Vinci* (p. 280)

¹⁵ As Cartas de Paulo foram os primeiros textos de entre os que iriam ser considerados canónicos.

Esta falta de unidade doutrinária cedo começou a preocupar as principais figuras do Cristianismo, como Ireneu (140-202), bispo de Lion, que defendeu a existência de quatro evangelhos, *nem um a mais nem um a menos*¹⁶; porém, esta pluralidade de critérios somente iria terminar com a definição do cânone do Novo Testamento, acordada no Sínodo de Roma (382) e nos concílios de Hipona (393) e de Cartago (397)¹⁷.

Conta a tradição que a escolha dos evangelhos *verdadeiros* foi feita por *eleição milagrosa*. Depois dos bispos terem rezado, quatro dos textos apresentados voaram por si sós e foram poisar sobre um altar; seguidamente, os bispos puseram todos os textos sobre o altar e os que iriam ser considerados apócrifos caíram ao chão, enquanto aqueles quatro permaneceram imóveis; depois, pediram a Deus que, caso nestes quatro evangelhos houvesse qualquer palavra falsa, os fizesse tombar, o que não sucedeu; finalmente, o Espírito Santo entrou na sala do concílio sob a forma de pomba e, poisando no ombro de cada um dos bispos, foi-lhes sussurrando ao ouvido os títulos dos evangelhos autênticos e dos falsos. Certamente que alguns dos prelados eram surdos, pois os quatro evangelhos canónicos foram aprovados ... mas não por unanimidade!

Penso que a escolha dos evangelhos canónicos teve a ver, não com rezas episcopais nem visitas columbinas, mas com outros factores bem diferentes.

O Mitraísmo era, essencialmente, uma religião de mistérios, onde se ensinava a evolução do Universo e o destino da humanidade, e cujas cerimónias se desenrolavam no secretismo de caves e grutas. A admissão à *Militia Mitrae*, ou *Exército de Mitra*, que lutava contra *Ahriman*, o Mal e a Morte, era feita baptizando o candidato com sangue de um touro sacrificado, após o que o grão-pontífice¹⁸ fazia o sinal da cruz na sua fronte; seguia-se a comunhão com pão e vinho, segundo uns, ou pão e água, segundo outros, abrindo-se, então, ao neófito uma via iniciática com sete passos que lhe iam conferindo, sucessivamente, os títulos de *Corax* (corvo), *Nymphus* (noivo), *Miles* (soldado), *Leo* (leão), *Peres* (persa), *Heliodromus* (pista de corridas do Sol), e *Pater* (pai), passos esses que se encontravam sob a protecção dos sete astros então conhecidos, Mercúrio, Véus, Marte, Júpiter, Lua, Sol e Saturno, respectivamente.

As igrejas nascentes acharam por bem adoptar os mistérios mitraicos pelo que foram instituindo as suas próprias escolas, muito embora a sua existência fosse contrária ao universalismo da religião cristã e, conseqüentemente, às características essencialmente exotéricas do seu ensino. Porém, a esmagadora maioria dos cristãos não estava – como ainda não está – preparada para compreender e aceitar toda a realidade subjacente à Palavra do Cristo, pelo que lhes era dada apenas uma piedosa e mítica doutrina exotérica, embora mesclada aqui e ali com alguns traços de espiritualidade, enquanto que aos mais evoluídos, moral e intelectualmente, lhes era proporcionado um ensino conforme à realidade cósmica, mas em segredo; é o que se depreende de algumas passagens dos evangelhos, em especial a revelada por Marcos em 4, 10-12:

10. Quando se acharam a sós, os que o cercavam e os doze indagaram dele o sentido da parábola. 11. Ele disse-lhes: A vós é revelado o mistério do Reino de Deus, mas aos de fora tudo se lhes propõe em parábolas, 12. A fim de que olhando, olhem e não vejam, e ouvindo, ouçam e não entendam, não suceda que voltem sobre os seus passos e se desliguem.¹⁹

Não conheço as actas do sínodo e dos concílios atrás citados, mas admito que os participantes, ao discutir este problema, tenham começado por separar todos os escritos em duas categorias: os que podiam

¹⁶ Cf. *Irenaeus Against Heresies*, Book III, Chapter XI, nº 8, versão *ebook* em inglês, in <http://www.ccel.org/fathers/ANF-01/iren/>.

¹⁷ Diz Dan Brown que foi Constantino quem encomendou uma Bíblia que omitia os evangelhos que falavam das características humanas de Cristo, os quais foram banidos e queimados (*O Código Da Vinci*, p. 283); trata-se de mais um dos seus erros históricos.

¹⁸ Homólogo do hierofante dos Mistérios de Elêusis.

¹⁹ Esta é a tradução correcta do final do versículo 12, e não a que consta das Bíblias comuns: (...) *não suceda que se convertam e sejam perdoados*, o que é incompreensível. Sobre este clamoroso erro, cf. António de Macedo, *Laboratório Mágico*, Lisboa, Hugin Editores, Lda, 2002, pp. 68 e 69.

ser dados a conhecer às massas, e os que tinham de ficar secretos, reservados a iniciados, isto é, **apócrifos**, pois é este o significado literal deste termo grego. Para a primeira categoria foram escolhidos, apenas, quatro evangelhos, respeitando-se, assim, a opinião do influente Ireneu; para a segunda foram remetidos os textos gnósticos, entre os quais o célebre *Evangelho de Tomé*²⁰, e outros que não podiam ser tornados públicos, aos quais foram sendo juntos todos os que ficaram fora do cânone, quer os heréticos, quer os que não passam de piedosas fábulas ou historietas sem bases factuais; terá sido por esta razão que o termo *apócrifo* perdeu o seu sentido original e passou a ser sinónimo de *documento não autêntico, que contém erros*.

Os quatro evangelhos escolhidos para a primeira categoria foram Mateus, Marcos, Lucas e João. Os Evangelhos de Mateus e de Marcos estão relacionados com duas escolas de mistérios menores, a primeira vocacionada para os cristãos da Palestina e a segunda para todos os outros; o Evangelho de Lucas é um texto exotérico de uma escola misticista e universalista; por fim, o Evangelho de João será o único proveniente de uma escola de mistérios maiores, como se percebe de trechos como o Prólogo, a descrição de uma Primeira Iniciação Maior, metaforizada pelo relato da “ressurreição” de Lázaro, a referência ao *Paracleto* e outros, bem como da significativa ausência de parábolas²¹.

Nos finais do século IV, com a unificação do Cristianismo, as escolas de mistérios que estavam por detrás dos evangelhos canónicos foram extintas; creio, porém, que o Vaticano mantém, no mais rigoroso secretismo, pelo menos uma destas escolas onde alguns papas e altos dignitários serão iniciados.

Nesta conformidade, estou perfeitamente convicto de que nenhum dos evangelhos, canónicos ou apócrifos, seja uma biografia de Jesus, como pretende a igreja dominante em relação aos primeiros²², e que somente um iniciado nos mistérios das escolas com que os mesmos se relacionaram, está em condições de os interpretar, correcta e integralmente, por serem alegorias, algumas bem elevadas, de uma realidade espiritual muito superior á sua materialidade factual. Assim, para um não iniciado poder compreender algo do que os seus autores quiseram transmitir, restar-lhe-á a sua capacidade intuitiva, alimentada pelo que alguns ocultistas e místicos, como Max Heindel, Rudolf Steiner, Corinne Helene, Elsa Glover, C. Leadbeater e outros, foram revelando.

É o meu caso.

²⁰ Face ao seu sugestivo título, “*Estas são as sentenças secretas que o Jesus vivo proferiu e que Dídimo Judas Tomé escreveu*”, e à não menos sugestiva primeira sentença, “*E ele [Jesus] disse, ‘Quem encontrar a interpretação destas sentenças não experimentará a morte’*”, creio que este apócrifo reflecte os ensinamentos de uma escola de mistérios maiores que me parece espiritualmente mais elevada do que a de João: enquanto este prega a crença em Jesus, Tomé encoraja os crentes a procurar conhecer Deus através das capacidades que lhes foram divinamente concedidas, pois todos fomos criados à imagem de Deus. Cf. *O Evangelho de Tomé* neste site.

²¹ Cf. A “*Ressurreição*” de Lázaro, neste site.

²² Já o gnóstico Porfírio dizia em *Contra os Cristãos* (c.280) que “*os evangelistas eram inventores, não historiadores*”.

MARIA MADALENA

Feita esta breve exposição sobre os evangelhos, passo, agora, à figura-chave de *O Código Da Vinci*: Maria Madalena.

Muitos estudiosos pretendem identificá-la com uma de três mulheres citadas nos evangelhos canónicos: a do vaso de alabastro que ungiu Jesus com um perfume caro²³ e que Lucas acusa de pecadora²⁴, a adúltera que Jesus salvou da morte por lapidação²⁵, e a irmã de Marta e de Lázaro, que ungiu Jesus e lhe enxugou os pés com os cabelos²⁶. Há, ainda, quem vá mais longe e pretenda que Maria Madalena era o discípulo amado e que o quarto evangelho é da sua autoria.

Em minha opinião, estas pretensões carecem de fundamento por motivos que radicam nos únicos documentos que nos permitem identificar Maria Madalena: os evangelhos canónicos e alguns apócrifos.

Os Evangelhos Canónicos

Mateus

Em 27, 55-61, este evangelista diz-nos que Maria Madalena era uma das mulheres que seguiram Jesus desde a Galiléia e que, com Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu, ficou sentada defronte do túmulo onde José de Arimateia depositara o corpo de Jesus.

Em 28, 1-10 diz que Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo, que houve um violento tremor de terra e que um anjo do Senhor, que descera do céu, lhes disse para não temerem, mandando-as dizer aos discípulos que Jesus tinha ressuscitado e que o veriam na Galiléia; quando se afastaram, Jesus apareceu-lhes e elas prostraram-se e beijaram-lhe os pés.

Marcos

Em 15, 40-47 e em 16, 1-11 diz sensivelmente o mesmo, mas omite o tremor de terra e substitui o anjo do Senhor por um jovem vestido de branco, sentado do lado direito no sepulcro, cuja pedra havia sido removida, e que disse o mesmo às mulheres.

Em 16, 9-10, porém, acrescenta um dado novo: *Tendo Jesus ressuscitado de manhã, no primeiro dia da semana apareceu primeiramente a Maria de Magdala, de quem tinha expulsado sete demónios*²⁷.

MARIA MADALENA

Mateus

²³ Mt 26, 6-13 e Mc 14, 3-9

Lucas

²⁴ Lc 7, 37-50

João

²⁵ Jo 8, 3-11

Lucas

²⁶ Lc 10, 38-42 e Jo 11, 1-2

Os Evangelhos Canónicos

Marcos

²⁷ O sublinhado é meu.

Lucas

Lucas, em 8, 1-3, corrobora o relato dos outros dois evangelistas, nomeadamente a identificação e a anterior possessão de Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demónios²⁸.

Em 23, 50-56 e 24, 1-12 segue principalmente Marcos, mas em vez do jovem vestido de branco apresenta-nos *duas personagens, com vestes resplandecentes*, que disseram a Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago, que Jesus tinha ressuscitado.

João

João começa por seguir os sinópticos mas introduz novo pormenor: em 19, 25 diz que *Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena*,

Em 20, 1-18 afasta-se dos outros evangelistas; os três primeiros versículos deste capítulo 20 prestam uma informação que refuta, claramente, a última das presunções acima expostas:

1 *No primeiro dia que se seguia ao sábado, Maria Madalena foi ao sepulcro, de manhã cedo, quando ainda estava escuro. Viu a pedra removida do sepulcro. 2 Correu e foi dizer a Simão Pedro e ao outro discípulo a quem Jesus amava: Tiraram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram! 3 Saiu então Pedro com aquele outro discípulo, e foram ao sepulcro.*

Daqui se conclui, sem margem para dúvidas, que Maria Madalena não pode ter sido o *discípulo a quem Jesus amava*; ademais, no episódio da pescaria no lago de Tiberíades relatado por João em 21, 1-7, o discípulo amado é forçosamente um homem, pois as mulheres não se dedicavam à pesca; acresce, ainda, o facto iniludível de nos originais gregos deste evangelho que chegaram até nós, aparecer sempre a palavra *μαθητής* (*mathetês*), discípulo, e nunca *μαθήτρια* (*mathetría*), discípula²⁹.

Maria Madalena viu dentro do sepulcro dois anjos vestidos de branco, um à cabeceira e outro aos pés; perguntaram-lhe por que chorava e ela respondeu por terem levado o seu Senhor e não saber onde o tinham posto. Então Maria Madalena voltou-se e viu Jesus, de pé, mas não o reconheceu, nem quando este lhe perguntou por que chorava e quem procurava; julgando tratar-se do jardineiro, pediu-lhe que, se tivesse sido ele quem tinha tirado o corpo, lhe dissesse onde o pusera. Então Jesus chamou-a *Maria!* e só então esta o reconheceu, exclamando *Rabôni!* Jesus disse-lhe para não o reter porque ainda não subira ao Pai e pediu-lhe para ir ter com os seus irmãos contar-lhes o que se passara (Jo 20, 12-18).

* * *

Estas são as únicas referências a Maria Madalena constantes dos evangelhos canónicos, aliás, de todo o Novo Testamento, sendo de notar que os quatro evangelistas parecem ter tido o cuidado de

²⁸ O sublinhado é meu.

João

²⁹ Penso que esta pretensão terá sido inspirada no célebre fresco de Leonardo Da Vinci, *A Última Ceia* (1495-1498), no qual a figura que está sentada à direita de Jesus apresenta, de facto, traços femininos, enquanto as demais personagens são claramente masculinas. No entanto, não se pode ignorar que João era o mais novo dos apóstolos e o único que seria virgem, conforme atesta o *Transitus Mariæ*, um apócrifo do sec. IV ou V, pelo que será natural ter um aspecto diferente dos outros.

identificar as outras mulheres chamadas Maria de forma a evitar que fossem confundidas com a Madalena³⁰.

Os Escritos Apócrifos³¹

Pistis Sophia

Pistis Sophia, título que traduzo como *Sabedoria que garante a Fé*, é um tratado gnóstico em cinco livros³², escrito no século III por um autor desconhecido, onde Jesus “ressuscitado” e algumas entidades espirituais revelam aos discípulos diversos mistérios do Reino dos Céus, entre os quais o papel do Salvador que foi mandado pelo *Inefável* auxiliar os homens de acordo com os desejos da humanidade, e revelar a eficácia dos mais altos mistérios da salvação³³.

Maria Madalena é uma personagem de vulto pois intervém várias vezes mostrando perfeita compreensão de tudo quanto fora ensinado, pelo que é tratada por Jesus e pelas entidades espirituais com excepcional distinção, como *Maria, a abençoada*, ou *Maria, a bela em seu discurso*, etc. Jesus diz-lhe que a completará em todos os mistérios das alturas, pois o seu coração está mais dirigido para o Reino do Céu do que os dos seus irmãos (I, 17); promete revelar-lhe todas as coisas que ela procura (I, 19), e garante-lhe que herdará a totalidade do Reino de Luz (I, 61). Porém, Maria Madalena mostrou receio de Pedro por este a ameaçar e odiar a sua raça; então o *Primeiro Mistério* (outra entidade espiritual) tranquilizou-a dizendo que ninguém seria capaz de impedir aquele que fosse cheio com o Espírito de luz (II, 72).

Quanto à sua identidade, o tratado nada esclarece.

Afinal, quem era Maria Madalena?

³⁰ Cf. p. ex. as seguintes referências: *Maria, da qual nasceu Jesus* (Mt 1, 16) - *Maria, sua Mãe* [de Jesus] (Mt 1, 18) - *Maria mãe de Tiago* (Mt 27, 56) - *Maria Madalena e a outra Maria* (Mt 27, 61) - *o carpinteiro, filho de Maria* (Mc 6,3) - *Maria, mãe de José* (Mc 15, 47) - *Marta (...) tinha (...) uma irmã por nome Maria* (Lc 10, 38-39) - *Maria e sua irmã Marta* (Jo 11,1) - *Maria, mulher de Cléofas* (Jo 19, 25).

Os Escritos Apócrifos

³¹ Sobre textos apócrifos cf. Montague Rhodes James, *The Apocryphal New Testament*, Londres, Oxford University Press, 1975, Pierre Crépon, *Les Evangiles Apocryphes*, Paris, Editions Retz, 1983, bem como diversos sites na Internet.

Pistis Sophia

³² Os dois primeiros, aliás os principais, podem ser lidos em <http://www.earlychristianwritings.com/pistis.html>.

³³ A *Gnose* é o conhecimento de Deus e da plenitude dos verdadeiros domínios espirituais, proporcionado por experiências directas e pessoais. Não é um simples sinónimo de misticismo, paranormalidade, ocultismo, metafísica, ou esoterismo, já que se situa muito além dos níveis físico e psíquico; um verdadeiro gnóstico é alguém que tem aquelas experiências ou foi iniciado numa escola de mistérios que proporciona o acesso a revelações pessoais, a principal das quais foi a de Valentinus (falec. 160 ou 161), a figura mais notável do Gnosticismo, e cuja filosofia radicava em Platão e em Theudas, discípulo de Paulo.

Para um não iniciado, a simbólica gnóstica é extremamente difícil de interpretar. Por exemplo, a “companheira” do Deus Alienígena é Barbelo, uma deusa nascida quando o deus viu a sua própria imagem reflectida nas *águas da vida* e se apaixonou por ela; então o seu pensamento tornou-se activo e Barbelo emergiu das *águas luminosas* como primeiro Pensamento do Deus Alienígena, tendo-se tornado o útero universal de todas as coisas. Barbelo age como complemento activo do princípio passivo da forma potencial do Deus Alienígena. Tal como a força motriz por detrás da criação, Barbelo representa a fertilidade, o nascimento, o crescimento dinâmico. “*Eu sou andrógina. Eu sou Mãe e Pai desde que copulei comigo mesma. Eu copulei comigo mesma e com aquele que me ama e é através de mim sozinha que o Todo se mantém firme. Eu sou o Útero que dá forma ao Todo dando nascimento à Luz que brilha no esplendor*” (in *The Trimorphic Protennoia*, in James M. Robinson, ed., [The Nag Hammadi Library](#), San Francisco, CA, USA, Harper & Row Publishers, 1981, p. 467).

Evangelho de Tomé

Neste famoso evangelho gnóstico, o nome Maria aparece, apenas, duas vezes: no *logion* 21, onde pergunta a Jesus "*Com quem se parecem os teus discípulos?*", e no *logion* 114, o último e que terá sido acrescentado posteriormente, onde Tomé conta que "*Simão Pedro disse-lhes, 'Que Maria nos deixe, pois as mulheres não merecem a Vida.' Jesus disse, 'Eu mesmo a irei dirigir, a fim de a fazer macho, para que também se torne um espírito vivo semelhante a vós, machos. Pois todas as mulheres que a si mesmas se fizerem machos, entrarão no Reino do Céu.'*"

Sem dúvida que esta Maria é a Madalena.

Vigésimo Discurso de Cirilo de Jerusalém³⁴

Trata-se de um texto de Cirilo, de que chegou até nós num pequeno fragmento com espaços perdidos, onde este prelado se refere a várias mulheres que se lhe dirigem, identificando-se; uma delas é Maria Madalena que se apresenta dizendo "*Eu sou Maria Magdalena porque o nome da povoação onde nasci era Magdala*"³⁵.

Esta afirmação é importante pois há quem refute a origem do nome *Madalena* argumentando que, na época, não havia nenhuma povoação com o nome *Magdala*, o qual fora posto pelos cruzados a fim de ajustar a toponímia da Terra Santa com a referida no Novo Testamento; trata-se de uma clara falácia visto que as cruzadas começaram nos finais do século XI e o *Vigésimo Discurso de Cirilo de Jerusalém* foi escrito cerca de oitocentos e cinquenta anos antes.

Actos de Pilatos

James Montague Rhodes diz que "*No funeral há uma lamentação final da Virgem e outra de Maria Magdalena que diz: 'Quem dará isto a conhecer a todo o mundo? Eu irei sozinha a Roma, até César: irei mostrar-lhe o mal que Pilatos fez, concordando com os perversos judeus'*". Esta história da ida de Maria Magdalena a Roma, diz este editor, é uma das que aparece nas crónicas bizantinas e em outros documentos tardios³⁶.

Epístola dos Apóstolos

O episódio onde aparece Maria Madalena durante a Paixão é semelhante ao relatado nos evangelhos canónicos, mas contém um detalhe de importância: 9. (...) *E do outro lado vieram três*

Vigésimo Discurso de Cirilo de Jerusalém

³⁴ Bispo de Jerusalém e Doutor da Igreja, nasc. cerca de 315 e fal. cerca de 386.

³⁵ In *Miscellaneous Coptic Texts, 1915*, de Budge, citado por Montague Rhodes James, *The Apocryphal New Testament*, Oxford, UK, Clarendon Press, 1975, p.87.

Cirilo (c. 315-386) foi bispo de Jerusalém e Doutor da Igreja, apesar de ter negado a divindade das três pessoas da Santíssima Trindade, pois para ele havia apenas um só Deus.

As outras mulheres são *Maria*, mãe de Jesus, *Maria de Cleopa* (ou Cleopas, ou ainda Cléofas), mulher de um dos discípulos que Jesus "ressuscitado" abordou na estrada para Emmaus (Lc 24, 13-18), e *Maria de Tiago, o filho do carpinteiro José*, a mulher de Tiago, um dos irmãos de Jesus (Mt 13, 55, Mc 6, 3, Gal 1, 19), cujo ossário terá sido recentemente descoberto em Jerusalém.

Actos de Pilatos

³⁶ *The Apocryphal New Testament*, já cit. p. 117.

mulheres, Maria, a que era parente de Marta e Maria Magdalena³⁷ e traziam unguentos para deitar sobre o corpo (...) ³⁸.

Tal como já se viu que Maria Madalena não pode ser o *discípulo amado*, também aqui se verifica que não pode ser *a parente de Marta*.

Evangelho de Filipe

O *Evangelho de Filipe*, um dos tratados da biblioteca gnóstica de Nag Hammadi ³⁹, terá sido escrito na Síria durante a segunda metade do século III, e é claramente uma fórmula iniciática de uma escola de mistérios gnósticos, muito provavelmente de Valentinus, onde se realça a importância da *Câmara Nupcial*, ou *Casamento Místico*⁴⁰. O mal da humanidade é o resultado da diferenciação dos sexos; quando Eva foi separada de Adão, a unidade andrógina original foi quebrada, pelo que a finalidade da vinda do Cristo é voltar a unir “Adão” com “Eva”. Tal como o marido e a esposa se unem numa câmara nupcial, a reunião efectuada pelo Cristo tem lugar numa sacramental e espiritual *câmara nupcial*, onde o homem livre se une, com antecipado prazer e certeza da sua irrevogabilidade, com a sua angélica e celestial contraparte, ou seja, a mulher virgem, virgem porque, penso eu, é imaculada, ou melhor, **já se tornou imaculada**.

A passagem que deu origem à hipótese de Jesus ser casado com Maria Madalena é a seguinte:

(...) Havia três que andavam sempre com o Senhor: Maria sua mãe, e a sua irmã e Madalena, a única que era chamada sua companheira. Sua mãe, sua irmã e sua companheira, cada uma era Maria (...) E a companheira do Salvador é Maria Madalena. Porém Cristo ama-a mais do que a todos os discípulos e costumava beijá-la muitas vezes na boca. Os restantes discípulos ofendiam-se com isso e manifestavam a sua censura. Diziam-lhe: Por que a amas mais do que a todos nós?” O Salvador respondia dizendo-lhes: “Por que não vos amo como a ela?” Quando um cego e um que vê estão nas trevas, não diferem um do outro. Quando a luz chega, então o que vê verá a luz e o cego continuará na escuridão (...)

Este amor e estes beijos na boca têm de ser vistos numa perspectiva, não sensual. Como é sugerida por uma leitura superficial, mas iniciática, como, aliás, se encontra definida noutras passagens deste evangelho, bem como no de *Tomé*.

Diz o *Evangelho de Filipe*:

É do que está prometido para o lugar celestial que o homem recebe alimento (leia-se conhecimento) [...] pela boca. Tivesse o Verbo saído desse lugar e seria alimentado pela boca e tornar-se-ia perfeito. Pois é por um beijo que o perfeito (leia-se mistagogo) concebe e dá nascimento. Por esta razão beijamo-nos uns aos outros. Nós concebemos da graça que está num e noutros.

O *Evangelho de Tomé* esclarece melhor a natureza do beijo:

“Jesus disse: ‘Quem beber da minha boca tornar-se-á como eu. Eu mesmo tornar-me-ei ele, e as coisas que estão ocultas ser-lhe-ão reveladas’ (logion 108).

Epístola dos Apóstolos

³⁷ O sublinhado é meu.

³⁸ In *The Apocryphal New Testament*, já cit. p. 488

Evangelho de Filipe

³⁹ Sobre Nag Hammadi vidé *O Evangelho de Tomé*, neste site.

⁴⁰ É este, alias, o assunto do célebre poema iniciático *Cântico dos Cânticos*, do qual Orígenes disse *Muito mais feliz (...) aquele que canta o Cântico dos Cânticos*, atribuído erradamente a Salomão e que é um dos livros canónicos da Bíblia, quer da Judaica, quer do Antigo Testamento cristão.

Quanto à necessidade de o homem e a mulher estarem ligados, o *Evangelho de Filipe* explica-nos seguintes termos:

*(...) Quanto aos espíritos impuros, há machos e fêmeas entre eles. Os machos são os que se unem com as almas que habitam formas femininas, mas as fêmeas são as que estão misturadas com os que estão em formas masculinas através daquele que foi desobediente. E ninguém será capaz de lhes escapar, uma vez que o detêm se não receber um poder masculino ou um poder feminino – o noivo e a noiva – São recebidos de um refletido quarto nupcial. – Quando a mulher licenciosa vê um homem sentado sozinho salta-lhe para cima e brinca com ele e conspira-o. Assim é também com os homens devassos quando vêem uma bela mulher sentada sozinha, convencem-na e forçam-na, desejando conspirá-la. Mas se vêem o homem e a sua mulher sentados um ao lado do outro, a fêmea não pode vir até ao homem, nem o macho pode vir até à mulher. Assim, se a imagem e o anjo estão unidos um com o outro, nenhuma aventura pode atingir o homem ou a mulher (...)*⁴¹.

O Evangelho de Maria

Termino com este evangelho, normalmente designado como *Evangelho de Maria Madalena* por ser esta a personagem central. Trata-se de um escrito gnóstico de que chegaram até nós fragmentos de três manuscritos, dois do século III⁴² e outro do século V⁴³, onde faltam dez páginas.

No âmbito deste trabalho, o seu principal interesse advém de uma frase atribuída a Maria Madalena e que indicia, inequivocamente, a sua raiz iniciática:

*Eles [os discípulos] afligiram-se e choraram copiosamente dizendo, “Como havemos de ir até os Gentios pregar o evangelho do Reino do Filho do Homem? Se ele mesmo não foi respeitado, como o seremos nós?” Então Maria levantou-se, saudou-os a todos e disse aos seus irmãos, “Não choreis nem vos aflijais nem sejais irresolutos, pois a Sua graça estará inteiramente convosco e proteger-vos-á. Louvemos antes a Sua grandeza, pois **Ele preparou-nos e fez-nos em homens**”⁴⁴. Quando Maria disse isto, os seus corações melhoraram e começaram a discorrer sobre as palavras do Salvador.*

As poucas referências a Maria Madalena que se encontram em outros apócrifos, nada esclarecem sobre a sua identidade.

Em suma ...

Face ao que estes escritos dizem sobre Maria Madalena penso que, literalmente, apenas se pode concluir, ou presumir com alguma segurança,

- que era assim chamada por ter nascido em Magdala;
- que dela foram expulsos sete demónios;
- que seguiu Jesus desde a Galiléia;
- que era a sua única companheira, a quem Jesus amava mais do que todos os outros discípulos, costumando beijá-la muitas vezes na boca e tratando-a com especial distinção;
- que assistiu à crucificação e esteve, depois, no sepulcro vazio;
- que foi a primeira pessoa a quem Jesus “ressuscitado” apareceu;
- que o Salvador a fez *homem*;

⁴¹ In *The Nag Hammadi Library*, já cit., pp.134 – 139, ou no site <http://www.gnosis.org/naghamm/gop.html>

O Evangelho de Maria

⁴² P. Rylands 463 e P. Oxyrhynchus 3525

⁴³ *Berolinensis Gnosticus* 8052, I. Este fragmento é uma tradução copta do original grego.

⁴⁴ O realce é meu.

- e que, após a Paixão, quis ir a Roma para denunciar a César o mal que Pilatos tinha feito.

No que respeita à sua identificação com a mulher do vaso de alabastro⁴⁵, e que Lucas diz ser uma pecadora, trata-se de uma mera suposição, embora aceitável se os seus pecados forem anteriores à expulsão dos *sete demónios* ⁴⁶.

Há quem pretenda que *Madalena* deriva de uma expressão talmúdica que significa *cabelos encaracolados de mulher*, que seriam característicos de uma prostituta! Parece-me uma pretensão inconsistente, não só porque há nenhuma representação sua fidedigna, como há, também, quem afirme que *Magdala* é um epíteto hebraico que significa *torre*, ou *fortaleza*, o que me parece mais aceitável pois é natural que uma *torre*, ou *fortaleza*, tenha dado o nome à povoação onde Maria Madalena nasceu. Porém, muito mais significativo é o facto de *Madalena* ser uma corrupção do árabe *mahdi i' lana*, que significa ... *messias anunciado*.

Quanto à adúltera, logo, uma mulher casada, nada há que permita identificá-la com Maria Madalena que em parte alguma é citada como sendo casada ou tendo um homem, como sucede com outras mulheres.

Acerca da hipótese de Maria Madalena ser Maria, a irmã de Marta e de Lázaro, o facto de João dizer que Jesus amava Marta, Maria e Lázaro (Jo 11, 5) apenas significa ... que os amava; de resto, a passagem da *Epístola dos Apóstolos* atrás transcrita desfaz qualquer dúvida, tal como o constante em João 20, 2 e 3 e João 21, 1-7 torna absolutamente inviável a hipótese de Maria Madalena ser o *discípulo amado*.

Afinal, quem era Maria Madalena?

Para responder a esta pergunta tenho, em primeiro lugar, de me aventurar pelos domínios da psicologia analítica de Jung⁴⁷, a fim de ver o que este famoso psiquiatra e esotericista suíço disse sobre *anima* e *animus*.

Anima é um substantivo feminino latino que tem sido traduzido como espírito, alma, vida, respiração; para Descartes era a alma racional do ser humano, mas foi Carl Jung quem melhor desenvolveu o conceito de *anima* e de *animus*.

Em termos muito sumários poder-se-á dizer que *anima* é a personificação das tendências psicológicas femininas de um homem, o arquétipo feminino do seu inconsciente; em contrapartida, *animus*, que em latim significa ânimo, é a personificação das tendências psicológicas masculinas de uma mulher, o arquétipo masculino do seu inconsciente; porém, enquanto no homem a *anima* actua como se fosse a sua alma, na mulher o *animus* actua como mente inconsciente.

No campo da Simbologia, o *animus* é susceptível de ser personificado por múltiplas figuras masculinas, enquanto que a *anima* é, frequentemente, personificada por uma única mulher ⁴⁸.

Conclusões

⁴⁵ No século VI o Papa São Gregório I declarou “Acreditamos que aquela a quem São Lucas chama ‘pecadora’ e a quem São João chama ‘Maria’ é a mesma a quem, segundo São Marcos, foram exorcizados sete demónios” (in *Maria Madalena e o Santo Graal, A Mulher do Vaso de Alabastro*, já cit., p. 48).

⁴⁶ Mc 16, 9-10 e Lc 8, 1-3.

⁴⁷ Carl Gustav Jung (1875-1961), o criador da psicologia analítica, é um dos mais prestigiados psiquiatras e um profundo conhecedor do Ocultismo, nomeadamente da Alquimia espiritualista, da Astrologia e do Simbolismo, sendo por vezes apontado como um possível iniciado Rosacruziano. Viveu com índios norte-americanos e negros do Quénia, e visitou o Egipto e a Índia, onde estudou o Budismo, o Hinduismo e o Confucionismo; terá sido, porém, o Gnosticismo e o Misticismo Cristão que melhor alicerçaram a sua filosofia esotericista (Cf. a obra compilada por H. Read, M. Fordham e G. Adler, *Collected Works of C. G. Jung*, 20 vol., 1953-79).

⁴⁸ Cf. Erich Neumann, *The Origin and History of Consciousness*, Princeton University Press, 1954, edição ebook inglesa, in <http://www.cnr.edu/home/bmcmanus/anima.html>.

Anima e *animus* são projectados pelo homem e pela mulher sobre seres do sexo oposto que lhes despertem uma forte e compulsiva emoção, o que é normalmente positivo, mas por vezes negativo. Quando o homem e a mulher ainda não desenvolveram todas as qualidades próprias do seu sexo, a sua personalidade fica passível de “possessão” por parte da *anima* ou do *animus*, o que se manifesta, no homem, como atitudes pueris e imaturas, e na mulher, como teimosia, autoritarismo e espírito crítico.

É possível evitar as projecções e “possessões” através da integração do arquétipo do sexo oposto no nosso consciente; a *anima* integrada conduz o homem às profundezas inexploradas do sentimento, do relacionamento e da sensibilidade, enquanto o *animus* integrado conduz a mulher ao mundo do espírito, da erudição e do poder da palavra. Esta integração *anima* - *animus* é denominada *androginia*.

Recordemos, agora, o essencial dos ensinamentos de Max Heindel sobre o corpo vital.

No ser humano, este corpo é a contraparte exacta do corpo denso com uma excepção, a de ser do sexo oposto: o corpo vital do homem é feminino e o da mulher masculino, o que nos conduz, de imediato, ao conceito de *anima* e *animus*.

O corpo vital é constituído por quatro éteres: químico, vital, luminoso e reflector; o primeiro permite a assimilação e a excreção dos elementos nutritivos do corpo denso, e o segundo a propagação das espécies; o éter luminoso proporciona calor ao sangue e o exercício das funções sensoriais; quanto ao éter reflector, intimamente relacionado com a subdivisão mais elevada da Região do Pensamento Concreto, é o meio pelo qual o pensamento impressiona o cérebro humano e aquele que permite o acesso ao reflexo mais baixo da Memória da Natureza.

Os éteres luminoso e reflector têm características opostas aos éteres químico e vital; enquanto que os átomos destes são estacionários, os daqueles são voláteis e migratórios; no corpo denso misturam-se com o sangue e crescem em função do amor e serviço à humanidade; esse crescimento pode ser tal que os éteres luminoso e reflector se expandam para fora dos corpos denso e vital, podendo ser vistos, por um clarividente, como um corpo anímico matizado de ouro e azul: é o **corpo-alma**, o veículo indispensável à iniciação.

Na iniciação, encontram-se mulheres nos graus mais baixos, mas quando o iniciado já é capaz de escolher o seu sexo, normalmente opta por um corpo masculino, pois o altruísmo que lhe abriu as portas da iniciação já espiritualizou o seu corpo vital e inverteu a polaridade, tornando-o positivo, ou masculino, proporcionando, assim, um instrumento altamente eficaz e um canal de absorção da energia solar muito melhor ⁴⁹.

Integrando, agora, estas sùmulas dos ensinamentos de Jung e de Heindel, fácil é concluir que *anima* e *animus* são, respectivamente, os corpos vitais do homem e da mulher, cujas idiossincrasias são o resultado da influência dos seus corpos de desejos e mentes. Quando o arquétipo do sexo oposto é integrado no nosso consciente, estamos no caminho do amor e do serviço necessários à construção do corpo-alma de Max Heindel, ou da *androginia* de Carl Jung.

Se voltarmos a ler o que os textos canónicos e apócrifos nos dizem em termos eminentemente alegóricos, parece-me claro que **Maria Madalena não é uma mulher real, mas apenas a personificação simbólica da *anima* de Jesus.**

Por isso se diz que era a sua companheira, que este a amava mais do que os outros discípulos e que costumava beijá-la na boca, o que, neste contexto, nada tem de sensualidade, sendo, antes, uma mera

⁴⁹ Cf. *Gleanings of a Mystic*, p.67, in *Collected Works of Max Heindel*, CD-Rom de *The Rosicrucian Fellowship*. O facto de um ser altamente espiritualizado escolher, por via de regra, um corpo masculino não inviabiliza a sua opção por um corpo feminino quando a missão que escolheu a tal aconselha; é o caso do alto iniciado que encarnou no ser conhecido como Virgem Maria (cf. *Q & A*, II, qq. 28 e 134).

alegoria da transmissão de determinadas instruções iniciáticas “boca a boca” e não apenas “boca a ouvido”⁵⁰.

Por isso Jesus disse que “completaria” Maria Madalena, isto é, a sua *anima*, em todos os mistérios das alturas, e prometeu revelar-lhe todas as coisas que ela procurava, para o que a *preparou* e a *fez em homem*.

Por isso, depois da Paixão, nenhum texto canónico volta a falar de Maria Madalena.

Em suma, penso que Maria Madalena seja, apenas, um símbolo da *anima*, ou, em termos rosacrucianos, um símbolo do corpo vital de Jesus, purificado após a expulsão dos *sete demónios*, ou seja, dos *sete pecados mortais*.

O GRAAL

O Código da Vinci sugere que os restos mortais de Maria Madalena, ou seja, o Santo Graal, se encontram no Museu do Louvre, ocultos na *pirâmide miniatural* que *sobressai do solo* por baixo da pirâmide invertida⁵¹, o que, em minha opinião, é mais um erro de Dan Brown. Assim, apoiado naturalmente em Max Heindel, Corinne Helene e outras fontes credíveis, vou seguir a minha intuição para expor o que penso ser o verdadeiro Graal.

A natureza mítica do Graal

Para a generalidade dos cristãos, trata-se do cálice por onde Jesus e os seus discípulos beberam durante a Última Ceia.

Nada há que nos diga de que material foi feito, mas não faltam lendas sobre este pormenor. Enquanto Spielberg, em *A Última Cruzada*, nos apresenta, racionalmente, um simples cálice de madeira, uma velha tradição refere que foi talhado numa grande esmeralda que se soltou da coroa de Lúcifer quando este foi precipitado dos céus e que os anjos conseguiram recuperar; é o *Graal de Esmeralda*⁵², ou

⁵⁰ Sendo o Evangelho de Filipe um tratado gnóstico, seria inevitável o simbolismo da companheira de um deus, uma vez ser prática comum a muitos antigos sistemas religiosos designar os deuses como masculinos e os pensamentos que os acompanhavam como femininos, ambos coexistindo numa eterna união andrógina; é o caso, por exemplo, de Yin e Yang, de Shiva e Shakti, e no Gnosticismo do deus alienígena e Barbelo.

O GRAAL

⁵¹ Op. cit. p. 535 e 536.

A natureza mítica do Graal

⁵² Esta lenda terá nascido de um velho texto cabalístico, segundo o qual os lugares que Lúcifer e os Anjos Caídos ocupavam nos céus estão vagos e reservados para as almas dos homens, e que a grande missão do Messias será restituir Lúcifer ao seu trono em toda a glória; quando isto acontecer, os pecados da humanidade serão apagados como se nunca tivessem existido. Uma variante alquimista tardia diz que na esmeralda vive um espírito que dá brilho ao Sol e água ao diamante, que enriquece o chumbo, e que tira a dor e cuida de quem a possuir.

*Lapsit Exillis*⁵³, que, segundo Wolfram von Eschenbach⁵⁴, possuía propriedades miraculosas, como alimentar quem não tivesse pecados, mas também cegar os impuros de coração ou emudecer os irreverentes que fossem à sua presença.

Será curioso referir que existem seis cálices considerados como podendo ser o Graal, que se encontram, um no Museu Metropolitano de Arte, em Nova Iorque, dois no Museu de Berlim, um no Museu Britânico, outro em Leyden, e o sexto numa igreja em Itália; destes, apenas o primeiro, o *Cálice de Antioquia*, como é conhecido, merece alguma atenção porque o mito parece prosseguir na realidade histórica.

Diz a lenda que este cálice foi guardado em Glastonbury por José de Arimateia, como veremos mais à frente, e séculos depois entregue aos cruzados a fim de o devolverem à Terra Santa; porém, em 1098, durante a batalha de Antioquia e na iminência de uma derrota, foi escondido para não cair em mãos infiéis, mas o seu rasto perdeu-se. Em 1910, quando se procedia a escavações em Antakya, antiga Antioquia, foi descoberto um conjunto de peças em prata, entre as quais um cálice de prata artisticamente trabalhada, com gravuras representando uma vinha com as vides entrelaçadas a envolver duas figuras de Jesus, uma jovem, outra adulto, e de dez discípulos empunhando rolos e sentados em cadeiras de costas altas; o cálice mede 192 mm de altura, tem um pé curto e muito pequeno, e o seu interior, simples e feito em madeira, separa-se como se fosse um segundo cálice. A peça foi vendida em segredo a um antiquário e depois levada para Paris, onde esteve exposto no Museu do Louvre. Os estudos a que entretanto foi sujeita dataram-na dos séculos IV ou V A.D., embora houvesse quem acreditasse tratar-se do verdadeiro cálice da Última Ceia. Quando deflagrou a Primeira Guerra Mundial, foi levado para os EUA, onde foi exposto em vários locais, até que Rockefeller Júnior o comprou e ofereceu ao Museu Metropolitano de Arte, em Nova Iorque.

Seja como for, o destino do Graal mantém-se envolto em mistério.

Uma das lendas mais generalizadas, e que Corinne Helene seguiu em *Mysteries of the Holy Grail*⁵⁵, diz que José de Arimateia estava presente quando Cristo deu aos seus discípulos a benção da despedida; desejoso de ficar com uma recordação de tão memoráveis momentos, voltou à sala onde tivera lugar a Última Ceia e levou o cálice por onde todos tinham bebido, e no qual recolheu, no dia seguinte, o sangue que correu do ferimento provocado pela lança do soldado romano Longinus na ilhargia de Jesus.

Após a Ressurreição, José de Arimateia foi desapossado dos seus bens e condenado a morrer à fome numa enxovia⁵⁶, o que não sucedeu porque o cálice o protegeu: todos os dias os anjos traziam-lhe os alimentos e as bebidas que mais apreciava, enquanto gloriosos seres alados o visitavam e lhe levavam palavras de conforto; o próprio Cristo passou consigo longas horas, transmitindo-lhe um saber impossível de obter de outra fonte.

Quando foi posto em liberdade⁵⁷, Cristo disse-lhe: *‘Filho, parte e leva a Minha mensagem até muitas terras’*. José ficou apreensivo e replicou: *‘Mestre, sempre fui fraco orador, não posso pregar’*. *‘Filho, disse o Cristo, não te incomodes com as palavras; abre a boca e o discurso ser-te-á dado’*.

José de Arimateia embarcou num navio branco rumo a Marselha, levando consigo o Graal, a lança, a coroa de espinhos, os quatro pregos⁵⁸ e o prato onde fora servida a comida na Última Ceia;

⁵³ Expressão latina indecifrável, resultante, possivelmente, de um erro do copista. Wolfram pode ter escrito *lapis ex caelo*, “pedra caída do céu”, ou *lapis exilli*, “pedra do exílio”, uma alusão aos seus primeiros guardiães, os anjos que Deus desterrou para este mundo em virtude de se terem mantido neutros durante a revolta de Lúcifer.

⁵⁴ In *Parsifal*, 2ª ed., trad. A.R.Schmidt Patier, São Paulo, Brasil, Editora Antroposófica, 1995, p. 299.

Wolfram von Eschenbach (1170-1220), o maior poeta épico da Alemanha medieval, foi cavaleiro e, durante algum tempo, poeta lírico da corte da Turíngia. A sua obra principal é *Parzifal*, completada em 1210, havendo quem a considere baseada em *Perceval*, ou *le Conte du Graal*, de Chrétien de Troyes, o que Wolfram nega por mais de uma vez.

⁵⁵ *Mysteries of the Holy Grail*, Santa Monica, CA, USA, New Age Bible & Philosophy Center, 1986

⁵⁶ Na bibliografia consultada não encontrei o porquê desta sentença.

⁵⁷ Na bibliografia consultada também não encontrei o porquê desta decisão

acompanhavam-no diversos amigos, entre os quais Maria Madalena, Lázaro e as suas irmãs, o romano Longinus e o rei Evelake que entretanto se tinham convertido ao Cristianismo.

Ao chegar a Marselha, a lenda bifurca-se em duas direcções: uma, aponta o sul da Gália como o território onde os viajantes se fixaram; outra, diz que José de Arimateia teve uma visão que o mandou prosseguir viagem para Oeste. A primeira é a preferida pelos autores de *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* e de *O Código Da Vinci*; a minha intuição leva-me a escolher a segunda, prosseguindo, assim, na senda de Corinne Heline.

Os viajantes chegaram à Grã Bretanha por volta do ano 63. O rei Arviragus recebeu-os de braços abertos e ofereceu-lhes as terras então conhecidas como Ilha ou Vale de Avalon, no actual condado de Somerset, onde ergueram uma pequena igreja para guardar as preciosas relíquias, em torno da qual iria nascer, pouco depois, uma pequena povoação, Glastonbury Tor.

Durante anos o Graal esteve à vista dos peregrinos e a sua presença foi uma benção para aquelas terras, tendo a sua guarda sido confiada aos descendentes de José de Arimateia e dos seus companheiros que fizessem votos de pacifismo e de absoluta pureza de pensamentos, palavras, emoções e actos.

Mais tarde, porém, um dos guardiães, Amfortas, neto do rei Evelake, ao ver uma bela e jovem peregrina ajoelhada a seus pés, esqueceu os votos e contemplou-a com olhos libidinosos; imediatamente a Lança Sagrada infligiu-lhe um profundo ferimento que não pôde ser curado, e o Graal retirou-se da vista dos que ali o iam adorar. E à época de felicidade que os objectos sagrados tinham trazido às tribos britânicas, sucedeu a idade de ferro.

Diz Corinne Heline ⁵⁹ que a pequena igreja de Glastonbury Tor era, na realidade, a casa dos Mistérios Cristãos do Ocidente, a qual resistiu, durante séculos, às cruéis perseguições da Igreja de Roma, situando-se aí a verdadeira origem da Igreja Anglicana e não no arbitrário desejo de Henrique VIII de trocar de esposa, como é vulgarmente referido. Assim, José de Arimateia, tal como Pedro, foi instruído por Cristo antes e depois de Jesus ter sido crucificado, pelo que a sua autoridade não pode ser questionada.

Este terá sido um dos destinos do Graal, mas de acordo com a outra versão da lenda José de Arimateia e os seus companheiros desembarcaram em Marselha, tendo a relíquia ficado algures no sul da Gália. No ciclo *Parsifal*, de Richard Wagner, encontramos o rei Evelake com o nome Titurel, a quem um anjo revelou o local mais seguro para erguer um castelo onde devia guardar o Graal: um pico nos Pirinéus. A sua construção demorou três ou quatro séculos apesar de nunca ser interrompida, pois os homens que trabalhavam de dia eram substituídos por anjos durante a noite; era o Castelo de Carbonek - ou de Mont Salvat, como preferiu Wagner - uma rocha sobre rocha, de formato quadrado, com um leão em cada face.

A demanda do Santo Graal

O Rei Artur

As referências mais antigas ao Rei Artur encontram-se nos poemas galeses *Y Gododdin* (sec IX ou X), e *The Mabinogion* (c. 1100), mas é a *Historia Regum Britanniae* (c. 1139), de Geoffrey de Monmouth, que assinala o início da lenda arturiana e serviu de base à maioria das histórias que se seguiram, a primeira das quais foi o *Roman de Brut* (1205), de Layamon, onde o Rei Artur é retratado como um líder militar. Pouco depois, a atenção dos autores virou-se para os Cavaleiros da Távola

⁵⁸ Outras tradições referem, apenas, três pregos, um dos quais fora cravado nos pés sobrepostos..

⁵⁹ Op. cit. pp. 19 e 21-22

Redonda e a Demanda do Santo Graal, tema introduzido na lenda arturiana por Robert de Boron com *Joseph d'Arimathie*, ou *Le Roman de l'Estoire du Graal* (fins sec. XII); seguiram-se, em França, as obras de Chrétien de Troyes, a mais famosa das quais é, sem dúvida, *Perceval, ou le Conte du Graal* (c. 1175), um poema inacabado por sua morte e mais tarde completado por três outros autores, e na Alemanha o poeta Hartmann von Aue (sec XIII) foi o primeiro a pegar no tema, em *Erec et Enide*, a que se seguiu Wolfram von Eschenbach com o célebre *Parzifal*.

O ciclo arturiano prosseguiu ao longo dos tempos, até à actualidade, pela mão de diversos autores, sendo de realçar Sir Thomas Malory com o romance *Morte d'Arthur* (1485), e o poeta inglês Lord Tennyson, com *Idylls of the King* (1859-1885), em que Corinne Heline se baseou para escrever a sua obra já citada; na música temos a ópera *Parsifal* (1882) de Richard Wagner, baseada no poema de Wolfram e que Max Heindel analisa em *Mistérios das Grandes Óperas*, e no nossos dias diversos filmes, como *Excalibur* e *A Última Cruzada*, bem como a obra de Marion Zimmer Bradley, *As Brumas de Avalon*, onde a saga arturiana é apresentada sob o ponto de vista feminino.

Artur é, de facto, uma personagem histórica, mas desfigurada pelas lendas que se teceram em torno de si. Nasceu em Tintagel, Cornualha, nos fins do século V, filho de Uther, o pendragon, título idêntico ao de suserano, e de Igraine. Depois de coroado rei dos Bretões, enfrentou inimigos internos e externos, como os Saxões que tinham desembarcado na Grã Bretanha, tendo saído vitorioso em todas as batalhas. O seu reinado conheceu um período de vinte anos de paz até que a revolta do seu sobrinho, Mordred, deu origem, em 542, à sangrenta batalha de Camlan, onde este foi morto e Artur sofreu graves ferimentos. Diz a lenda que foi levado para Glastonbury mas não sobreviveu, tendo sido sepultado na abadia local, o que, curiosamente, parece ser um facto real já que, em 1150, o rei Henrique II ordenou que se abrisse uma determinada sepultura onde foram encontrados ossos, uma espada e uma cruz de chumbo com uma inscrição em latim, toscamente gravada, que dizia “*Aqui jaz o famoso Rei Artur, na ilha de Avalónia*”.

Os Cavaleiros da Távola Redonda

As diversas versões da lenda da Távola Redonda atribuem a esta mítica ordem de cavalaria⁶⁰ um número de cavaleiros muito variável, que vai desde o simbólico 13 ao surpreendente 1.600, dos quais os mais populares são o rei Artur, Sir Percival e Sir Lancelot, a par de outras personagens, como a rainha Guinevere, o célebre mago Merlin, a bela feiticeira Morgan Le Fay e a misteriosa Dama do Lago que deu a Artur a espada mágica *Excalibur*.

Segundo Sir Thomas Malory o código de honra seguido pelos cavaleiros, era “*nunca ultrajar, nem matar, fugir sempre da traição, não ser, de forma alguma, cruel, mas misericordioso para quem pedisse misericórdia, socorrer, sempre, senhoras, damas e viúvas, nunca forçar senhoras, damas e viúvas, e não tomar parte em batalhas de injustas disputas sobre amor e bens mundanos*”.

Mas foi a demanda do Santo Graal que imortalizou os Cavaleiros da Távola Redonda, muito embora uma versão da lenda pretenda que apenas Sir Galahad foi bem sucedido; há, contudo, uma outra, mais generosa, que concede tal honra a Sir Galahad, Sir Percival e Sir Bors; é a que vou, sucintamente, referir.

A demanda do Graal

O Rei Artur

⁶⁰ No Grande Hall do Castelo de Winchester encontra-se uma enorme tábua redonda, com dez metros de diâmetro e mais de uma tonelada de peso, tendo no centro a Rosa dos Tudor e ao longo da periferia os nomes de vinte e cinco cavaleiros, a qual é apresentada aos turistas como sendo a original Távola Redonda. Porém, os recentes testes a que foi sujeita, como o do radio carbono, situam a madeira de carvalho entre 1250 e 1280, sabendo-se que foi mandada fazer pelo rei Eduardo III (1327-1377) que na altura pensava criar a Ordem da Távola Redonda, e que em 1522 o rei Henrique VIII (1491-1547) mandou pintar o emblema da sua família e os nomes dos cavaleiros apenas para impressionar um ilustre visitante, o imperador Carlos V.

De resto, a mais antiga ordem cristã de cavalaria foi a dos Cavaleiros Hospitalários de São João, hoje Ordem de Malta, criada em 1048.

Sir Galahad, o “Perfeito Cavaleiro” em coragem, gentileza, cortesia e ideal, era filho natural de Lancelot e de Elaine de Corbenic, que o iludiu fazendo-o crer que se iria deitar com a sua amada Guinevere.

Um misterioso ancião conduziu-o á corte do rei Artur e sentou-o no *Siège Perilous* (*assento perigoso*), um lugar na Távola Redonda reservado ao Cavaleiro do Graal. Armado com o escudo branco que o rei Evelake tinha feito e onde José de Arimateia traçara, com sangue, uma cruz vermelha, Sir Galahad tomou parte em numerosas batalhas, ultrapassou diversas peripécias, como tirar uma espada cravada numa pedra que se encontrava num rio⁶¹, e viveu inúmeras aventuras, como a viagem no *barco negro dos espíritos* de onde foi retirado por Merlin, etc.

Sir Percival, Sir Bors e Sir Galahad juraram encontrar o Santo Graal ou a morte, e foram previamente testados: o primeiro foi tentado a mostrar cobardia, o segundo a perder a sua fé e Sir Galahad a usar a espada para matar. Depois de terem vencido as suas provas, encontraram-se transportados em barças até uma praia onde os esperavam três cavalos que os levaram ao vizinho Castelo de Carbonek. Aí encontraram o rei Pellam, ferido, que os conduziu à capela com que o pai de Sir Galahad tinha sonhado. De facto, Sir Lancelot tinha visto, em sonhos, o Santo Graal sobre um altar desta capela, rodeado por seis velas acesas; viu um velho, ferido, pedir ao Senhor que o sarasse, tendo ficado curado mal tocou no Graal, que desapareceu logo que o velho agradeceu a graça recebida.

Depois de aguardarem algum tempo, os quatro homens viram entrar quatro mulheres; duas traziam círios, outra, um vaso coberto com um rico tecido de seda antiga, e a quarta uma lança gotejando sangue. Então surgiu o Graal e os três cavaleiros foram autorizados a beber dele. Sir Galahad tomou a lança das mãos da mulher e, aproximando-se do rei Pellam, suspendeu-a sobre o ferimento; o sangue da lança correu para o golpe e o rei ficou imediatamente curado.

Após este milagre, Sir Galahad entrou em êxtase e pediu para morrer, o que lhe foi concedido por ser puro e nunca ter morto ninguém. Então dois anjos levaram para os céus a sua alma, o Santo Graal e a lança.

O Graal, segundo a minha intuição

Tendo em atenção a simbólica que envolve estas lendas e as suas variantes, a minha intuição leva-me a considerar, como muito provável, a hipótese de **o Graal ser o corpo vital de Jesus**.

Em termos alegóricos, poder-se-á dizer que o cálice da Última Ceia *conteve* o sangue de Jesus, o simbólico *sangue da Nova e Eterna Aliança*; que é a mais preciosa das relíquias, pois foi talhado numa esmeralda; que possui propriedades miraculosas, como a de alimentar quem não tenha pecados, mas também a de castigar os impuros de coração; que desapareceu e foi o alvo da maior e mais nobre demanda de todos os tempos; que só os puros de espírito o podem encontrar.

Deixemos as alegorias e passemos à objectividade dos ensinamentos rosacruzes de Max Heindel relativos ao corpo vital de Jesus.

Como arcanjo, o veículo mais denso do Cristo é o corpo de desejos, o que não lhe permitiria funcionar no Mundo Físico. Como um dos objectivos da sua missão era unificar as diversas religiões de

⁶¹ Um feito semelhante ao praticado anteriormente pelo rei Artur com a espada *Excalibur*.

raça, o que exigia uma actuação *de dentro* para conquistar o que afectava o ser humano *de fora*, tinha de aparecer como homem entre os homens, pelo que, durante a cerimónia iniciática conhecida como Baptismo no Jordão, tomou posse dos corpos vital e denso de Jesus durante o seu ministério de cerca de três anos, até que, no Calvário, deixou o corpo denso na cruz e quarenta dias depois, quando da Ascensão (Mc 16, 19, Lc 24, 51, Ac 1, 9 e 10), largou o corpo vital, o qual foi cuidadosamente guardado, penso que pelos hierofantes das escolas de mistérios, a fim de possibilitar, não só a sua segunda vinda, a *Parusia*, mas também a sua retirada final da Terra quando terminar a sua missão.

Nestas condições, Jesus teve de construir um corpo vital provisório, enquanto o seu estava a ser utilizado pelo Cristo, o qual se desintegrou quando os átomos-semente denso e vital lhe foram devolvidos e cessou o poder de vontade que o mantinha activo; por isso, Jesus teve de construir um terceiro e definitivo corpo vital a fim de poder actuar sobre as igrejas que se foram formando, o que não lhe seria possível a partir do Mundo de Desejos porque a um alto iniciado, como ele, é extremamente difícil *descer* até regiões onde o grau de vibração da substância constituinte é muito mais baixo ⁶².

Quanto ao original corpo vital de Jesus, penso que, mais tarde, os Irmãos Maiores o tomaram à sua guarda, colocando-o num sarcófago de vidro, porque nenhum espírito do Mundo de Desejos, mesmo Lúcifer, pode atravessar nem ver através do vidro, sarcófago esse que foi depositado numa caverna, nas profundezas da terra, onde está permanentemente guardado à vista, a fim de o proteger do ataque de forças negras ou de olhares curiosos e profanos, como nos diz Max Heindel ⁶³.

Em suma, tal como o simbólico cálice da Última Ceia, o corpo vital de Jesus *conteve* o seu sangue, o sangue *da Nova e Eterna Aliança*; é a mais preciosa das relíquias; está guardado num sarcófago de *esmeralda*; possui propriedades miraculosas; “desapareceu” e é o alvo da maior e mais nobre demanda de todos os tempos, a da iniciação, mas só os puros de coração e espírito o podem encontrar.

António Monteiro
Outubro de 2005

O Graal, segundo a minha intuição

⁶² Cf. Max Heindel, *The Desire Body*, final cap. IV, *Earthbound Spirits and Their Prey*.

⁶³ Cf. Max Heindel, *Letters to the Students*, Letter 32, July 1913, *The Vital Body of Jesus, The Vital Body*, Part V, Chapter I, Q & A, II, Question 96, *Whereabouts Of The Desire Body Of Jesus*, e *Rosicrucian Cosmo Conception*, pp. 380, 408 e 409.



Rembrandt van Rijn
Nosso Senhor Jesus Cristo Ressuscitado aparece a Maria Madalena, 1638,
óleo sobre tela, The Royal Collection Trust , London



**“Reflexões de um Estudante Rosicrucista”
Por António Monteiro**

Volume I - Síntese do Conceito Rosacruz do Cosmos

Volume II - Christian Rosenkreuz – Estudo biográfico

Volume III - A Ressurreição de Lázaro

Volume IV - O Rome Germelshausen

Volume V - A Tábua de Esmeralda

Volume VI - Os Versos de Ouro de Pitágoras

Volume VII - Os Mistérios, Um Poema Inacabado de Goethe

Volume VIII - O Evangelho Secreto de Marcos

Volume IX - Evangelho de Judas

Volume X - O Evangelho de Tomé

Volume XI - Maria Madalena e o Santo Graal

Volume XII – As Imagens de Jesus

Volume XIII – Interpretação do Fausto , de Goethe





Simbolismo Rosacruz, por Reinhard Ponty

O ENCOBERTO

Que símbolo fecundo
Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Cristo.

Que símbolo final
Mostra o Sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.

- Fernando Pessoa

Breve História do Movimento Rosacruz

A antiga Fraternidade Rosacruz consistia de seres altamente espiritualizados, puros e de incomensurável sabedoria.. Eram alquimistas médicos e matemáticos, doze indivíduos do século XIV, que foram orientados por um ser conhecido como "Cristão Rosa Cruz". Esses seres trabalharam secretamente e formaram uma fraternidade conhecida como "Ordem Rosacruz". Os conhecimentos de tal Ordem foram ministrados à apenas alguns sábios, sendo que nada foi revelado até o ano de 1614, data da publicação da Fama Fraternitatis, o primeiro manifesto Rosacruz. Essa sociedade secreta ainda existe e ainda trabalha pela elevação da humanidade. Somente aqueles que possuem um amplo desenvolvimento espiritual são admitidos como membros no círculo interno do movimento Rosacruz. Tais "médicos da alma" engajados no controle interno deste grande movimento, estão intimamente associados à evolução do mundo. Esses irmãos trabalham de forma secreta, incansável e abnegadamente pelo bem da humanidade.



Em 1908, Max Heindel que era de origem dinamarquesa, após ser testado em sinceridade de propósitos e desejo desinteressado em ajudar seus semelhantes, foi escolhido como o mensageiro dos Irmãos Maiores, para transmitir os ensinamentos Rosacruzes ao Ocidente, preparando a humanidade para a futura Era de Fraternidade Universal. Por meio de intensa auto-disciplina e devoção ao serviço ele conquistou o status de Irmão Leigo (Iniciado) na exaltada Ordem Rosacruz.

Sob a direção dos Irmãos Maiores da Rosa Cruz, gigantes espirituais da raça humana, Max Heindel escreveu o Conceito Rosacruz do Cosmos, um livro que marcou época se tornando uma referência marcante para todos os pesquisadores da tradição ocultista ocidental e aspirantes à espiritualidade.

Por meio de seu próprio desenvolvimento ele foi capaz de verificar por si mesmo muitos aspectos dos ensinamentos recebidos dos Irmãos Maiores, sintetizados no Conceito Rosacruz do Cosmos, fornecendo um conhecimento adicional mais tarde corporificado em seus numerosos livros.

Uma das condições básicas na qual os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental foram dados à Max Heindel era que nenhum preço poderia ser estabelecido para eles. Tal condição foi fielmente observada por ele até o fim de sua vida terrestre e tem sido cuidadosamente cumprida pelos dirigentes da Fraternidade Rosacruz (The Rosicrucian Fellowship). Ainda que os livros da Fraternidade sejam vendidos a preços acessíveis, que garantam a continuidade de suas publicações, os cursos por correspondência e os serviços devocionais e de cura são inteiramente gratuitos. A Fraternidade é mantida através de doações voluntárias de seus estudantes e simpatizantes, não havendo taxas ou mensalidades obrigatórias.

Passado um determinado tempo e estando ainda tais ensinamentos sob a sua responsabilidade, foi instruído a retornar à América e revelar ao público tais ensinamentos , até então secretos. Nessa época, a humanidade tinha alcançado o estágio mais avançado da religião cristã, quando os mistérios (que Cristo menciona em Mateus 13:11 e Lucas em 8:10) tinham que ser ministrados à muitos e não apenas para alguns.

Quando Max Heindel chegou à América, ele publicou esses elevados conhecimentos em seu livro "O Conceito Rosacruz do Cosmos" que foi traduzido em diversas línguas e continua a ser editado em várias partes do mundo. Também estabeleceu a Fraternidade Rosacruz como uma Escola Preparatória para a verdadeira, eterna e invisível Ordem Rosacruz, a Escola de Mistérios do Mundo Ocidental.

Ainda que a palavra Rosacruz seja usada por várias organizações, a Fraternidade Rosacruz não tem nenhuma conexão com estas.



Princípios e Finalidade

A Fraternidade Rosacruz, cuja sede mundial está situada em Mt. Ecclesia, Oceanside, California, foi fundada em 1909 por Max Heindel, que organizou e dirigiu todos os seus trabalhos até 1919, data de sua partida física. Sucedeu-o sua esposa Sra. Augusta Foss Heindel, que durante trinta anos dirigiu a Obra a frente de um Conselho Diretor.

A Fraternidade Rosacruz é uma organização de místicos cristãos compostas por homens e mulheres que estudam a Filosofia Rosacruz segundo as diretrizes apresentadas no Conceito Rosacruz do Cosmos. Tal Filosofia é conhecida como os Ensinaamentos da Sabedoria Ocidental e estabelece uma ponte entre a ciência e a religião. Seus estudantes estão espalhados por todo o mundo; mas sua Sede Internacional está localizada em Oceanside, California, E.U.A.

A Fraternidade Rosacruz não tem conexão com nenhuma outra organização. Foi fundada durante o verão e outono de 1909, após um ciclo de conferências proferido por Max Heindel em Seattle. Um Centro de Estudos foi formado e a

Sede da Fraternidade se localizou temporariamente naquela cidade. Providências foram tomadas para a publicação do Conceito Rosacruz do Cosmos. Com a publicação deste trabalho a Fraternidade Rosacruz foi definitivamente estabelecida.

A Fraternidade Rosacruz Max Heindel não é uma seita ou organização religiosa, mas sim uma grande Escola de Pensamento. Sua finalidade precípua é divulgar a admirável filosofia dos Rosacruzes, tal como ela foi transmitida ao mundo por Max Heindel, escolhido para esse fim pelos Irmãos Maiores da Ordem Espiritual.

Seus ensinamentos projetam luz sobre o lado científico e o aspecto espiritual dos problemas relacionados à origem e evolução do homem e do Universo. Tais ensinamentos, contudo, não constituem um fim em si mesmo, mas um meio para o ser humano tornar-se melhor em todos os sentidos, desenvolvendo assim o sentimento de altruísmo e do dever, para o estabelecimento da Fraternidade Universal.

O fim a que se destina a Filosofia Rosacruz é despertar a humanidade para o conhecimento das Leis Divinas, que conduzem toda a evolução do homem, e, ainda:

(I) explicar as fontes ocultas da vida. O homem, conhecendo as forças que trabalham dentro de si mesmo, pode fazer melhor uso de suas qualidades;

(II) ensinar o objetivo da evolução, o que habilita o homem para trabalhar em harmonia com o Plano Divino e desenvolver suas próprias possibilidades, ainda desconhecidas para grande parte da humanidade;

(III) mostrar as razões pelas quais o Serviço amoroso e desinteressado ao próximo é o caminho mais curto e mais seguro para a expansão da consciência espiritual.

Foram publicados livros e organizados Cursos por Correspondência para os aspirantes que desejam estudar as verdades espirituais, mas como auxílio e não como fim em si mesmo, pois o estudo, em si só, não basta. A teoria precisa da experiência, obtida mediante a prática, para ser desenvolvida em sabedoria e poder. E, precisamente, a Fraternidade Rosacruz destina-se a prestar a orientação necessária aos aspirantes, para se chegar à aplicação da Lei Espiritual na solução dos problemas individuais e coletivos. O Movimento Rosacruz, publica e mundialmente iniciado pelo engenheiro Max Heindel, é fundamentalmente uma Escola de reforma interna para a humanidade, uma Escola de desenvolvimento e expansão de consciência, tratando de nossa origem espiritual e da finalidade de nossa evolução.

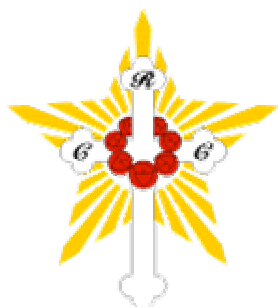
Relativo a outras sociedades Rosacruzes

"É freqüente recebermos cartas de estudantes dizendo o que esta ou aquela sociedade pregam em relação a uma determinada matéria e perguntam: o que há de verdadeiro nisso? Como conciliar essas informações com nossos ensinamentos? Porque nossos ensinamentos são diferentes? Gostaríamos de dizer, de uma vez por todas, que é impossível responder a tais perguntas, porque não é política da Fraternidade Rosacruz discutir os ensinamentos de outras sociedades. Divulgar nossos próprios ensinamentos toma todo o nosso tempo e se nossa literatura for bem estudada, a razão para estes ensinamentos será sempre encontrada. Não existe nenhuma afirmação feita pela Fraternidade Rosacruz que não seja respaldada pela razão e pela lógica e estamos sempre desejosos de reiterar e de intensificar esse aspecto. Procuramos de todas as formas possíveis satisfazer aos estudantes, mas não podemos tomar ao nosso cargo, rebater ou dar explicações sobre os ensinamentos que integram outras sociedades."

-MAX HEINDEL, "Ecos", Setembro de 1914

Esta nota de Max Heindel representa a nossa política até hoje e embora saibamos que possa existir um interesse natural em conhecer até que ponto outras organizações ou sociedades diferenciam-se da nossa ou se assemelham a ela, sentimos que a explicação mais satisfatória de objetivos, propósitos, política, etc., só pode ser dada pela própria organização. A **FRATERNIDADE ROSACRUZ** não tem nenhuma conexão com QUALQUER outra organização; seguimos o exemplo de Max Heindel e limitamos nossa informação e ensinamentos ao que foi divulgado na Filosofia Rosacruz, estando certos de que, lendo as explicações dadas por Max Heindel, apreciarão a nossa atitude.

Cursos por Correspondência



Para poder ajudar os que sentem uma necessidade imperiosa de se preparar de modo inteligente e respeitoso para o desabrochar de seus poderes espirituais interiores e latentes, a Fraternidade Rosacruz mantém três cursos por correspondência que fornecem instruções a estudantes de todo o mundo: Filosofia Rosacruz (Preliminar e Suplementar) , Astrologia (Preliminar, Superior e Suplementar) e Ensinamentos Bíblicos à Luz da Filosofia Rosacruz. Os cursos de instrução da Fraternidade Rosacruz (Escola Max Heindel) são gratuitos. As despesas de impressão, distribuição, etc., são cobertas por donativos voluntários.

CURSO PRELIMINAR DE FILOSOFIA ROSACRUZ E SUA MATÉRIA

Este curso está aberto a todas as pessoas. Composto de 12 lições, prepara o Estudante ao caminho da espiritualidade. Recebidas as respostas das lições, são estas examinadas, corrigidas e devolvidas ao estudante com respostas impressas para sua comparação. Para este curso faz-se necessário o livro básico "Conceito Rosacruz do Cosmos".

Seu estudo compreende a seguinte matéria:

- I) Descrição de como a parte invisível do homem (mente, vontade e emoções) governa suas ações; as razões de nossos erros, como corrigi-los e, ainda, a chave para o desenvolvimento de nossas faculdades construtivas.
- II) A relação do homem com as demais ondas de vida que evoluem no mundo físico. Este estudo é tomado como base para a compreensão do sistema evolutivo.
- III) O mecanismo do ciclo de vida : os mistérios do nascimento e da chamada morte. Ampla e sólida explicação de como a Lei do Renascimento não só é possível , como também é uma necessidade fundamental para a existência do progresso e da justiça no universo.

IV) Aquisição de poderes mais altos e modo de consegui-los, mediante a observação de princípios básicos e exercícios realizados com o pleno uso de nossa consciência - sem nenhum tipo de sugestão, negativismo ou processos mecânicos que jamais desenvolverão a verdadeira espiritualidade.

Findo o **Curso Preliminar de Filosofia**, que se compõe de doze lições, serão os estudantes inscritos nos outros cursos, se assim o desejarem.

Para fazer estes cursos é indispensável a obra base de toda a Filosofia Rosacruz – **Conceito Rosacruz do Cosmo**.

Todo o ensino ministrado pela Fraternidade Rosacruz de Portugal é gratuito (excepto os livros).

CURSO SUPLEMENTAR DE FILOSOFIA ROSACRUZ

Composto de 40 lições, são estas enviadas após a conclusão do Curso Preliminar, ocasião em que o estudante se converte em Estudante Regular da Fraternidade Rosacruz. As lições têm também suas respostas devolvidas, depois de examinadas e corrigidas. Com este curso, o Estudante ainda é inscrito na Sede Mundial - The Rosicrucian Fellowship - de onde também passa a receber correspondência. Depois de decorridos dois anos, o Estudante pode solicitar à Sede Mundial, o ingresso no Probacionismo, um caminho que proporciona estudos mais profundos.

CURSO DE ESTUDOS BÍBLICOS À LUZ DA FILOSOFIA ROSACRUZ

Composto de 28 lições, que serão devolvidas ao Estudante depois de revisadas, sem respostas impressas. O Ensino Bíblico da Sabedoria Ocidental tem por base um Curso composto de 28 lições compiladas da obra de Max Heindel. Este Curso, ao estabelecer com clareza o significado esotérico das Escrituras Sagradas, revela os princípios subjacentes nos quais se baseia a Ciência e a Religião. Max Heindel, um iniciado da Ordem Rosacruz, dá uma análise científica do Gênese, a qual tem restituído a Bíblia a milhares de pessoas.

CURSO DE ASTROLOGIA

Dividido em 3 partes:

Elementar , Superior e Superior Suplementar Todas as lições também são devolvidas ao Estudante depois de examinadas e corrigidas.

A astrologia a que nos referimos não deve ser confundida com quiromancia; trata-se de uma fase da religião mística tão sublime quanto as estrelas com as quais lida. Para os místicos, as estrelas não são corpos mortos que se movem no espaço em obediência a chamada lei natural cega, são encarnações dos "Sete Espíritos diante do Trono", poderosas Estrelas-Anjos que usam suas benéficas influências para guiar outros seres menos elevados, incluindo a humanidade, no caminho da evolução.

Há um lado da Lua que nunca vemos, mas essa metade escondida é um fator tão influente na criação dos fluxos e refluxos quanto sua parte visível. Da mesma forma, há um lado invisível do homem que exerce uma influência poderosa sobre a vida e, assim como as marés são reguladas pelos movimentos do Sol e da Lua, as eventualidades da existência também são medidas pelas estrelas circulantes que, por essa razão, podem ser chamadas de "O Relógio do Destino", e o conhecimento de sua importância proporciona um imenso poder; para o astrólogo competente, um horóscopo revela todos os segredos da vida.

Portanto, quando alguém fornece os dados de seu nascimento a um astrólogo; dá-lhe a chave de sua alma e não haverá segredo que ele não possa desvendar. Esses conhecimentos podem ser utilizados tanto para o bem como para o mal, tanto para ajudar ou para ferir, de acordo com a natureza do homem. Somente a um amigo deverá ser confiada a chave de uma alma e esta nunca deverá ser entregue a alguém com caráter duvidoso, que prostituirá essa ciência espiritual por causa de ganhos materiais.

Para um médico, a astrologia é de inestimável valor no diagnóstico de doenças e na prescrição de um remédio, pois revela a causa oculta de todo sofrimento de uma forma que muitas vezes deixa perplexo os cépticos e emudece os zombadores.

A opinião de milhares de pessoas é de grande valor, mas não prova nada, pois milhares de pessoas podem ter opiniões diversas; às vezes, um único homem pode estar certo e o resto do mundo errado, como quando Galileu afirmou que a Terra estava em movimento.

Hoje, o mundo inteiro se converteu à opinião pela qual ele foi torturado, e afirmamos que, sendo o homem um ser complexo, as curas só são bem-sucedidas na proporção em que corrigem efeitos nos planos físico, moral e mental do Ser. Também asseguramos que se pode obter resultados mais facilmente em determinadas épocas,

quando os raios dos astros estão propícios para a cura de uma doença m particular ou através de tratamentos com remédios previamente preparados sob tais circunstâncias favoráveis.

Se você for pai, o horóscopo vai ajudá-lo na identificação do mal latente em seu filho (a) e ensina-lo-á a tomar as devidas precauções. Mostrará também os pontos bons, para que você possa fazer do Espírito que lhe foi confiado um homem ou uma mulher melhor. Revelará fraquezas sistemáticas, o que capacitará você a preservar a saúde de seu filho; ressaltará quais os talentos que existem e como a vida deverá ser vivida em sua plenitude. Por isso, a mensagem das progressões estelares é tão importante que não podemos ignorá-las.

A fim de auxiliar os que estão prontos a ajudar a si mesmos, mantemos um Curso de Astrologia por Correspondência; mas não se engane: não ensinamos quiromancia. Se é isso o que procura, nada temos para você.

Notas:

1. Só depois de terminado o Curso Preliminar é que o estudante pode simultaneamente ou não, inscrever-se nos demais cursos.
2. Todos os cursos são inteiramente gratuitos, visto que os gastos são cobertos pelas contribuições voluntárias, conforme os ditames do coração e as posses de cada um, cumprindo-se, assim, a lei de DAR e RECEBER.



Centros e Grupos Rosacruz no Brasil Associados a The Rosicrucian Fellowship

- Fraternidade Rosacruz Sede Central do Brasil

Rua Asdrúbal do Nascimento, 196

Bela Vista, São Paulo, S.P.

CEP 01316-030 – fone: (11) 3107-4740

rosacruz@fraternidaderosacruz.org.br

<http://www.fraternidaderosacruz.org.br>

- Centro Rosacruz de Campinas

Av. Francisco Glicério, 1326 - 8 Andar - Sala 82 - Centro - Cep. 13012-100 - Campinas – SP

- Centro Rosacruz de Santo André

Av. Dr. Cesário Bastos, 366 - Vila Bastos - Cep. 09040-330 - Santo André - SP

rosacruzandre@ig.com.br

<http://fraternidaderosacruz.tripod.com>

<http://www.fraternidaderosacruz.netfirms.com>

- Centro Rosacruz de São José dos Campos

Av. Madre Tereza 449 1 A S.217 - Centro - Cep. 12201-970 - S.J. dos Campos - SP

- Fraternidade Rosacruz do Rio Grande do Sul

Rua Jacundá 120 - B. Guarujá - Cep. 91770-430 - Porto Alegre - RS

- Fraternidade Rosacruz Max Heindel - Centro do Rio de Janeiro

Rua Enes de Souza 19 - Tijuca - Cep. 20521-210 - Rio de Janeiro – RJ

Telefone celular: (21) 9548-7397

E-mail: rosacruzmhrio@hotmail.com

• Grupo Rosacruz de Belo Horizonte
Av. Paraná, 287 - Apto.171 - Cep.30120-020 - Belo Horizonte - MG

• Centro Rosacruz de Florianópolis
Rua Quadrangular 231 - B.dos Ingleses - Cep.88058-455 - Florianópolis - SC

• Centro Rosacruz de Atibaia
Av.Alexandre José Barbosa 425 - Cep.13250-000 - Itatiba - SP

• Centro Rosacruz de Piracicaba
Rua Padre Galvão, 857 - São Dimas - Cep.13416-010 - Piracicaba - SP

• Centro Rosacruz de Porto Alegre
Caixa Postal, 181 - Cep. 90010-970 - Porto Alegre - RS

• Grupo Rosacruz de Ribeirão Preto
Av.Marechal Costa e Silva, 1768 - Cep.14080-120 - Ribeirão Preto - SP

• Centro Rosacruz de São Luís
Rua Grande, 1032 - Cep.65020 - São Luís - MA

Centros e Grupos Rosacruzes em Portugal Associados a The Rosicrucian Fellowship

Fraternidade Rosacruz de Portugal
Rua de Manuel Múrias, 12 - 5º Esq
1500-419 Lisboa - Portugal
<http://www.rosacruz.pt>

Centro Rosacruz Max Heindel
Apartado 46
2396-909 Minde, Portugal
<http://centro-rosacruz.com>
crmheindel@sapo.pt



[The Rosicrucian Fellowship](http://www.rosicrucian.com)
www.rosicrucian.com
www.rosicrucianfellowship.org

Por problemas de ordem técnica, o site da Sede Mundial não está sendo visualizado no Brasil, mas seu conteúdo pode ser visto em um site alternativo editado por um membro probaconsita da Rosicrucian Fellowship:

Site alternativo editado por Robert Jacobs, membro da The Rosicrucian Fellowship
<http://rosanista.users4.50megs.com/index.html>





A Obra básica da Filosofia Rosacruz, O Conceito Rosacruz do Cosmos está disponível, em Português, para leitura online no site da Fraternidade Rosacruz Max Heindel – Centro Autorizado do Rio de Janeiro

Homepage: www.fraternidaderosacruz.org

Link direto para o livro: www.fraternidaderosacruz.org/conceito.htm

Para a aquisição da edição impressa:

No Brasil:

FraternidadeRosacruz Sede Central do Brasil

Rua Asdrúbal do Nascimento, 196
Bela Vista, São Paulo, S.P.
CEP 01316-030 – fone: (11) 3107-4740
rosacruz@fraternidaderosacruz.org.br
<http://www.fraternidaderosacruz.org.br>

Em Portugal:

Fraternidade Rosacruz de Portugal

Rua de Manuel Múrias, 12 - 5º Esq
1500-419 Lisboa – Portugal
<http://www.rosacruz.pt>





As opiniões expressas neste ensaio são de inteira responsabilidade do autor .

E-book editado, com a autorização do autor, para distribuição gratuita

Disponível para download no site

<http://www.fraternidaderosacruz.org/>

2007-10-13



Fraternidade Rosacruz Max Heindel

Centro do Rio de Janeiro

Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210

Telefone celular: (21) 9548-7397

rosacruzmrjio@hotmail.com

Filiado a [The Rosicrucian Fellowship](#)

Mt. Ecclesia 2222 Mission Avenue, Oceanside, CA 92054-2399, USA PO Box 713, Oceanside, CA 92049-0713, USA (760) 757-6600
(voice), (760) 721-3806 (fax)

